

SUMÁRIO

- 385 — Decreto *Presbyterorum Ordinis* Sobre o Ministério e a Vida dos Presbiteros
- 418 — Vaticano II na Vida e na História da Igreja
- 429 — Questões de Arte Sacra Segundo a Renovação Conciliar -- PADRE HERCULES BELINELO
- 435 — Centro de Informação Internacional PRO MUNDI VITA — PADRE TIAGO G. CLOIN, C.S.S.R.
- 437 — Enviados Para Evangelizar, Pontos Evangelizados
- 440 — Bibliografia Sobre a Família
- 443 — CRB-Infoma
- 445 — Dados Curiosos Sobre o Concílio Vaticano II
- 447 — Pelas Revistas
- 448 — Recensões Bibliográficas

Documentos Conciliares

Decreto *Presbyterorum Ordinis* sobre o Ministério e a Vida dos Presbíteros

PAULO BISPO, Servo dos Servos de Deus,
juntamente com os Padres do Sagrado Concílio,
para perpétua memória do acontecimento:
Decreto sobre o Ministério e a Vida dos
Presbíteros.

PROEMIO

1. A Ordem dos presbíteros na Igreja por diversas vâzes já viu evocada por êste Sacrossanto Sínodo sua importância à lembrança de todos (1). Como no entanto cabem a esta Ordem, na renovação da Igreja de Cristo, tarefas da maior responsabilidade e assim de crescentes dificuldades, pareceu-nos utilíssimo tratar mais ampla e profundamente dos presbíteros. O que aqui se diz aplica-se a todos os presbíteros, especialmente aos que prestam serviços na cura de almas, ajustando aos presbíteros religiosos o que a êles adequadamente convém. É sabido que os presbíteros, pela sagrada Ordenação e missão que recebem dos bispos, são promovidos para o serviço de Cristo Mestre, Sacerdote e Rei, de Quem participam o ministério. E é por êste ministério que a Igreja aqui na terra não cessa

(1) CONC. VAT. II, Const. Sacrossanctum Concilium, sobre a S. Liturgia, 04/10/1963: AAS 56 (1964), pp. 97 ss; Const. Dogm. Lumen Gentium, 21/11/1964: AAS 57 (1965), pp. 6 ss; Decr. Christus Dominus, sobre o múnus pastoral dos bispos da Igreja, 28/10/1965; Decr. Optatam Totius, sobre a formação sacerdotal, 28/10/1965.

de edificar-se num Povo de Deus, Corpo de Cristo e Templo do Espírito Santo. Por isso, com o intuito de sustentar-lhes com mais eficácia o ministério e de prover-lhes melhor a vida nos ambientes pastorais e humanos tantas vèzes inteiramente mudados, êste Sacrossanto Sinodo proclama e estabelece as seguintes normas.

CAPÍTULO I

O PRESBITERATO NA MISSÃO DA IGREJA

O presbiterato

2. O Senhor Jesus, "a Quem o Pai santificou e enviou ao mundo" (Jo 10,36), faz todo o Seu Corpo místico participar da unção do Espírito pela qual Êle foi ungido (2). Pois n'Êle os fiéis todos tornam-se um sacerdócio santo e régio, oferecem a Deus hóstias espirituais por Jesus Cristo, e anunciam as virtudes d'Aquê.e que das trevas os chamou para Sua luz admirável (3). Não existe assim membro que não tenha parte na missão de todo o Corpo. Cada qual deve pelo contrário tratar santamente a Jesus em seu coração (4), e num espírito de profecia dar testemunho sôbre Jesus (5).

O mesmo Senhor porém instituiu a alguns como ministros entre os fiéis, para que êstes se unissem num só corpo, em que "todos os membros não desempenham a mesma atividade" (Rom 12,4). Tais ministros deviam assumir o poder sagrado da Ordem, na comunidade dos fiéis, para exercerem o Sacrifício e perdorem os pecados (6), exercendo ainda públicamente o ofício sacerdotal em favor dos homens e em nome de Cristo. Por isso, tendo enviado os Apóstolos assim como Êle próprio fôra enviado pelo Pai (7), Cristo, através dos mesmos Apóstolos, tornou os sucessores dêles, os bispos, participantes de sua consagração e missão (8). O múnus do ministério dêles foi por sua vez confiado em grau subordinado

(2) Cf. Mt 3,16; Lc 4,18; At 4,27; 10,38.

(3) Cf. I Pe 2,5 e 9.

(4) Cf. I Pe 3,15.

(5) Cf. Apoc 19,10; CONC. VAT. II, Const. Dogm. Lumen Gentium, 21/11/1964, n. 35: AAS 57 (1965), pp. 40-41.

(6) CONC. TRID., Sess. XXIII, Cap. I e cân. 1: Denz. 957 e 961 (1764 e 1771).

(7) Cf. Jo 20,21; CONC. VAT. II, Const. Dogm. Lumen Gentium, 21/11/1964, n. 18: AAS 57 (1965), pp. 21-22.

(8) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. Lumen Gentium, 21/11/1964, n. 28: AAS 57 (1965), pp. 33-36.

aos presbíteros (9) para que — constituídos na Ordem do presbiterato, com o fito de cumprirem a missão apostólica transmitida por Cristo — fôsem os cooperadores da Ordem episcopal (10).

O ofício dos presbíteros, por estar ligado à Ordem episcopal, participa da autoridade com que o próprio Cristo constrói, santifica e rege o Seu Corpo. Por isso o sacerdócio dos presbíteros, supondo embora os sacramentos da iniciação cristã, é conferido por aquêle Sacramento peculiar mediante o qual os presbíteros, pela união do Espírito Santo, são assinalados com um caráter especial e assim configurados com Cristo Sacerdote, de forma a poderem agir na pessoa de Cristo Cabeça (11).

Uma vez que participam, no que lhes toca, do múnus dos Apóstolos, recebem os presbíteros de Deus a graça de serem ministros de Cristo Jesus entre os povos, desempenhando o múnus sagrado de evangelizar, para que os povos se tornem oblação agradável, santificada no Espírito Santo (12). Pois é pela mensagem apostólica do Evangelho que se conclama e congrega o Povo de Deus, de forma que todos os que fazem parte dêste Povo, depois de santificados pelo Espírito Santo, se ofereçam a si mesmos como "hóstia viva, santa, agradável a Deus" (Rom 12,1). Pelo ministério dos presbíteros o sacrifício espiritual dos fiéis por sua vez se consuma na união com o sacrifício de Cristo, único Mediador, sacrifício que, pelas mãos dêles, em nome de tóda a Igreja, é oferecido na Eucaristia de modo incruento e sacramental, enquanto se espera a vinda do próprio Senhor (13). É a isso que tende, é nisso que se consuma o ministério dos presbíteros. Pois o serviço dêles, que começa com a mensagem evangélica, tira do Sacrifício de Cristo sua fôrça e virtude e converge em seu esforço a que "tóda a cidade redimida, isto é, a sociedade e a assembléia dos santos, seja oferecida como sacrifício universal a Deus pelo Sumo Sacerdote, que também se ofereceu a Si Mesmo na Paixão por nós, para que fôssemos o corpo de uma tão importante Cabeça (14).

O fim que visam os presbíteros, por seu ministério e vida, é ocupar-se da glória de Deus Pai em Cristo. Consiste esta glória em accitarem os homens a obra de Deus, levada à perfeição por Cristo, de maneira consciente, livre e grata, levando-a a irradiar-se em tóda a sua vida. Assim os presbíteros, ao se dedicarem à oração e à adoração, ao pregarem a palavra, ao oferecerem o Sacrifício Eucarístico e administrarem os demais

(9) Cf. *Ibid.*

(10) Conf. Pont. Rom., De Ordinatione Presbyteri, Prefação. Estas palavras já se encontram no Sacramentário Veronese (ed. L. C. Möhlberg, Roma 1956, p. 122); também no Missal dos Francos (ed. L. C. Möhlberg, Roma 1957, p. 9); ainda no Livro dos Sacramentos da Igreja Romana (ed. L. C. Möhlberg, Roma 1960, p. 25); também no Pontifical Romano-Germânico (ed. Vogel-Elze, Cidade do Vaticano 1983, vol. I, p. 34).

(11) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 10: AAS 57 (1965), pp. 14-15.

(12) Cf. Rom 15,18 gr.

(13) Cf. I Cor 11,26.

(14) S. Agostinho, De civitate Dei, 10, 6: PL 41, 284.

Sacramentos, ao exercerem os diversos ministérios em favor dos homens, contribuem de um lado para aumentar a glória de Deus e por outro para levar os homens a se adiantarem na vida divina. Tôdas essas realidades promanam da Páscoa de Cristo e hão de consumir-se no glorioso advento do mesmo Senhor, quando Ele entregar o Reino a Seu Deus e Pai (15).

Os presbíteros no mundo

3. Os presbíteros, assumidos dentre os homens e estabelecidos em favor dos homens em suas relações com Deus, para oferecerem dons e sacrifícios pelos pecados (16), vivem com os demais homens como com irmãos. Foi desta forma também que o Senhor Jesus, Filho de Deus, enviado pelo Pai na qualidade de homem para os homens, habitou entre nós e quis por tôdas as coisas assemelhar-se aos irmãos, exceto no entanto o pecado (17). A Ele já imitaram os santos Apóstolos. Atesta por sua vez São Paulo, Doutor das gentes, "separado para o Evangelho de Deus" (Rom 1,1), que se fêz tudo para todos a fim de a todos salvar (18). Os presbíteros do Nôvo Testamento, por vocação e pela sua ordenação, de certo modo são segregados no seio do Povo de Deus, não porém para se separarem, seja do Povo seja de qualquer homem, mas para se consagrarem totalmente à obra para a qual o Senhor os assume (19). Não poderiam ser ministros de Cristo, se não fôsem testemunhas e dispenseiros de outra vida que não a terrena, mas nem sequer poderiam servir aos homens, caso se mantivessem alheios à sua existência e condições de vida (20). Seu próprio ministério exige a um título especial que não se con-

(15) Cf. I Cor 15,24.

(16) Cf. Heb 5,1.

(17) Cf. Heb 2,17; 4,15.

(18) Cf. I Cor 9,19-23 Vg.

(19) Cf. At 13,2.

(20) "Este afã de aperfeiçoamento espiritual e moral é também estimulado exteriormente pelas condições em que a Igreja vai vivendo. Não pode ficar imóvel e indiferente às mudanças do mundo que a cerca. Este, por mil caminhos, influencia e condiciona a atitude prática da Igreja. Como todos sabem, ela não está separada do mundo; vive nele. Por isso, os membros da Igreja estão sujeitos à influência do mundo, de que respiram a cultura, aceitam as leis e absorvem os costumes. Este contacto permanente, que a Igreja tem com a sociedade temporal, impõe-lhe uma problemática contínua, hoje difficilíssima. (...) Eis como S. Paulo educava os fiéis da primeira geração: "Não vos sujeitais ao mesmo jugo com os infiéis: que união pode haver entre a justiça e a iniquidade? ou que sociedade entre a luz e as trevas?... ou que parte comum entre o fiel e o infiel?" (II Cor 6,14-15). A pedagogia cristã deverá recordar sempre, ao discípulo dos nossos tempos, esta sua condição privilegiada e o conseqüente dever de estar no mundo sem ser do mundo, segundo a oração de Jesus pelos seus discípulos, acima recordados: "Não peço que os tires do mundo, mas que os preserves do mal; não são do mundo, como também não sou do mundo" (Jo 17,15-16). É voto que a Igreja faz seu. Mas distinção não é separação.

Nem é indiferença, temor ou desprezo. Quando a Igreja afirma a sua distinção da humanidade, não se opõe, aproxima-se dela" PAULO VI, Enc. ECCLESIAM SUAM, de 06/08/1964: AAS 56 (1964), pp. 627 e 638.

formem com êste século (21). Ao mesmo tempo, no entanto, requer que neste século vivam entre os homens e como bons pastôres conheçam suas ovelhas e procurem trazer também aquelas que não são dêste aprisco, para que escutem a voz de Cristo e haja um só rebanho e um só Pastor (22). Para alcançar tal meta, muito contribuem as qualidades que gozam de merecida estima na convivência humana, como sejam, a bondade de coração, a sinceridade, a coragem e constância, o cultivo vigilante da justiça, a delicadeza e outras que o Apóstolo Paulo recomenda quando diz: "Tudo que é verdadeiro, nobre, justo, puro, amável, honroso, tudo que pode haver de bom na virtude e no louvor humanos, eis o que haveis de pensar" (*Filip 4,8*) (23).

CAPÍTULO II

O MINISTÉRIO DOS PRESBITEROS

I. AS TAREFAS DOS PRESBITEROS

A Palavra

4. O povo de Deus congrega-se antes de mais nada pela palavra do Deus vivo (24), palavra que se há de procurar com pleno direito nos lábios dos sacerdotes (25). Pois, como ninguém pode salvar-se caso não creia primeiro (26), os presbíteros, na qualidade de cooperadores dos bispos, têm como primeira tarefa anunciar o Evangelho de Deus a todos (27) para constituírem e aumentarem o Povo de Deus, executando o man-

(21) Cf. Rom 12,2.

(22) Cf. Jo 10,14-16.

(23) Cf. S. Policarpo, *Epíst. aos Filipenses*, VI, 1: "Os presbíteros, por sua vez, sejam propensos à compaixão, misericordiosos para com todos, não deixando de lado a viúva, o órfão e o pobre. Sempre solícitos pelo bem diante de Deus e dos homens, guardando-se de toda ira, acepção de pessoas, juízo injusto, afastando-se para longe de toda avarizia, não acreditando facilmente ao que dizem contra alguém, não se mostrando severos demais no julgamento, sabendo que somos todos devedores do pecado" (ed. F. X. Funk, *Patres Apostolici*, I, p. 303).

(24) Cf. I Pe 1,23; At 6,7; 12-24. "Pregaram (os Apóstolos) a Palavra da verdade e geraram igrejas" (Santo Agostinho, *In Ps.*, 44, 23; FI 36,508).

(25) Cf. Mal 2,7; I Tim 4,5; Ti 1,9.

(25) Cf. Mal 2,7; I Tim 4,5; Tim 1,9.

(26) Cf. Mac 16,16.

(27) Cf. II Cor 11,7. A respeito dos presbíteros, na qualidade de cooperador dos bispos, vale também o que se diz a respeito dos bispos. Cf. *Statuta Ecclesiae Antiqua*, c. 3 (ed. Ch. Munier, Paris 1960), p. 79; *Decretum Gratiani*, C. 6, D. 88 (ed. Friedberg, I, 307); CONC. TRID., *Decr. De reform.*, Sess. V, c. 2, n. 9 (*Conc. Oec. Decreta*, ed. Herder, Roma 1963, p. 645); Sess. XXIV, c. 4 (p. 739); CONC. VAT. II, *Const. Dogm. Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 25; AAS 57 (1965), pp. 29-31.

dato do Senhor: "Ide ao mundo todo e pregai o Evangelho a toda criatura" (Mc 16,15) (28). Pois é pela palavra da salvação que no coração dos infiéis se desperta, e, no coração dos fiéis, se alimenta a fé; com ela se inicia e cresce a comunidade dos fiéis, segundo o dizer do Apóstolo: "A Fé nasce da pregação; e da pregação a Palavra de Cristo é instrumento" (Rom 10,17). Desta sorte os presbíteros são devedores de todos, no sentido de terem que partilhar com todos a verdade do Evangelho, da qual desfrutam no Senhor (29). Quer levem os povos a glorificarem a Deus (30) por uma conduta boa entre eles, quer anunciem o mistério de Cristo aos que não têm fé por uma pregação pública, quer transmitam a catequese cristã ou explanem a doutrina da Igreja, quer procurem tratar as questões de seu tempo sob a luz de Cristo, há de ser sempre dever deles não ensinar a sua sabedoria, mas o Verbo de Deus, e convidar a todos com insistência para a conversão e a santidade (31). A pregação sacerdotal — por vêzes extremamente dificultada nas circunstâncias do mundo de hoje — para mover mais prontamente as mentes dos ouvintes, não há de expor apenas de modo geral e abstrato a palavra de Deus, mas deverá aplicar a verdade perene do Evangelho às circunstâncias concretas da vida.

Assim é que existem muitas formas de exercer o ministério da palavra, segundo as necessidades diversas dos ouvintes e os carismas dos pregadores. Nas terras ou nos meios não cristãos, os homens são levados à fé e aos Sacramentos da salvação pela mensagem evangélica (32), na

(28) Cf. *Constitutiones Apostolorum*, II, 26, 7: "(Os presbíteros) sejam doutores da ciência divina, pois o próprio Senhor no-lo deu como missão ao dizer: *Euntes docete etc.*" (ed. F. K. Funk, *Didascalia et Constitutiones Apostolorum*, I, Paderborn 1905, p. 105). — *Sacramentarium Leonianum* e os demais sacramentários até ao *Pontificale Romanum* apresentam a Prefação na ordenação do presbítero: "Por tal providência, Senhor, foi que ajuntaste aos apóstolos de teu filho os doutores da fé como companheiros, por quem eles encheram o orbe de pregadores (ou! pregações) bem sucedidos". — *Liber Ordinum Liturgiae Mozarabicae*, Prefação para a ordenação de presbíteros: "Como doutor dos povos e reitor dos que lhe são sujeitos, mantenha ordenadamente a fé católica, e a todos anuncie a verdadeira salvação" (ed. M. Férotin, Paris 1904, col. 55).

(29) Cf. Gal 2,5.

(30) Cf. I Pe 2,12.

(31) Cf. o Rito da Ordenação do presbítero na Igreja Alexandrina dos Jacobitas; "... Reúne o teu povo para a palavra da doutrina, como a mãe que acalenta os filhos" (H. DENZINGER, *Ritus Orientalium*, Tom. II, Würzburg 1863), p. 14).

(32) Cf. Mt 28, 19; Mc 16,16; TERTULIANO, *De Baptismo*, 14, 2 (*Corpus Christianorum*, Seris latina, I, p. 289, 11-13); S. Atanásio, *Adv. Arianos*, 2,42 (PG 26, 237); S. Jerônimo, *In. Mat.*, 28, 19 (PL 26, 218 BC): "Primeiro ensinam a todos os povos, depois imergem na água os que ensinaram. Não pode ser que o corpo receba o sacramento do batismo sem que antes a alma tenha recebido a verdade da fé"; S. Tomás, *Expositio primae Decretalis*, § 1: "Nosso Salvador, ao enviar os discípulos a pregar, lhes impôs três coisas. Primeiro, que ensinassem a fé; segundo, que impregnassem com os sacramentos aqueles que acreditavam" (ed. Marietti, *Opuscula Theologica*, Turim-Roma 1954, 1138).

própria comunidade cristã, no entanto, sobretudo entre os que parecem entender ou crer pouco o que praticam, a pregação da palavra se faz necessária para o próprio ministério dos Sacramentos, uma vez que são Sacramentos da fé, e esta nasce e se alimenta da palavra (33). Isso vale antes de tudo para a Liturgia da palavra na celebração da Missa, na qual se unem inseparavelmente o anúncio da morte e da ressurreição do Senhor, a resposta do povo que escuta e a própria oblação, pela qual Cristo confirmou em Seu Sangue a Nova Aliança, oblação de que participam os fiéis tanto pelo desejo como pela recepção do Sacramento (34).

Os Sacramentos e a Eucaristia em particular

5. Deus, Santo e Santificador único, quis assumir homens como sócios e auxiliares Seus, para servirem humildemente à obra de santificação. Por isso é que os presbíteros são consagrados por Deus, pelo ministério do bispo, feitos de modo especial participantes do Sacerdócio de Cristo, para, nas celebrações sagradas, agirem como ministros d'Ele, que na Liturgia exerce o Seu múnus sacerdotal continuamente em nosso favor pelo Seu Espírito (35). Pois é pelo Batismo que introduzem os homens no Povo de Deus; pelo Sacramento da Penitência reconciliam os pecadores com Deus e a Igreja; pela unção dos enfermos aliviam os doentes; pela celebração sobretudo da Missa oferecem sacramentalmente o Sacrifício de Cristo. Tôda vez porém que celebram um desses sacramentos, como já atestou nos primeiros tempos da Igreja S. Inácio Mártir (36), os presbíteros se vinculam de diversos modos hierárquicamente ao bispo, e assim, de certa forma, o tornam presente em cada reunião dos fiéis.

Os demais Sacramentos, como aliás todos os ministérios eclesiásticos e tarefas apostólicas, se ligam à Sagrada Eucaristia e a ela se ordenam (37). Pois a Santíssima Eucaristia contém todo o bem espiritual da Igreja (38), a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa e Pão vivo, dando vida aos homens, através de Sua Carne vivificada e vivificante pelo Espírito Santo. Desta forma são os homens convidados e levados a oferecerem a si próprios seus trabalhos e tôdas as coisas criadas, junto com Ele. Assim a Eucaristia se apresenta como fonte e ápice de tôda evangelização, pois

(33) Cf. CONC. VAT. II, Const. Sacrosanctum Concilium, de Sacra Liturgia 04/12/1963, n. 35, 2: AAS 56 (1964); p. 109.

(34) Cf. Ibid., nn. 33, 35, 48, 52 (pp. 108-109, 113, 114).

(35) Cf. Ibid., n. 7 (pp. 100-101); PIO XII, Enc. Mystici Corporis, 29/06/1943: AAS 35 (1943), p. 230.

(36) S. Inácio M., Smyrn., 8, 1-2 (ed. F. X. Funk, p. 282, 6-15); Constitutiones Apostolorum, VIII, 12, 3 (ed. F. X. Funk, p. 496); VIII, 29, 2 (p. 532).

(37) A Eucaristia é de fato como que a consumação espiritual da vida e o fim de todos os sacramentos" (S. Tomás, Summa Theol., III, q. 73, a. 3 o);

(38) Cf. S. Tomás, Summa Theol., 3, q. 65, a. 3, ad. 1; q. 79; a. 1. c. e ad. 1.

já os catecúmenos são introduzidos pouco a pouco a participar da Eucaristia, e os fiéis, uma vez assinalados pelo santo batismo e confirmação, acabam por inserir-se plenamente pela recepção da Eucaristia no Corpo de Cristo.

É pois a Assembléia Eucarística o centro desta comunidade de fiéis presidida pelo presbítero. Por isso, ensinam os presbíteros os fiéis a oferecer a divina vítima no Sacrifício da Missa a Deus Pai e a fazer com ela o oferecimento de sua vida. No espírito de Cristo Pastor, instruem-nos a submeter seus pecados com coração contrito à Igreja no Sacramento da Penitência, de forma que sempre mais se convertam ao Senhor, lembrados da palavra d'Ele: "Fazei penitência, pois o Reino dos céus está bem próximo" (Mt 4,17). Ensinam-nos da mesma forma a participar das celebrações da Sagrada Liturgia, de tal sorte que também nelas cheguem a uma oração sincera. Levam-nos carinhosamente a praticar de forma sempre mais perfeita, ao longo da vida toda, o espírito de oração, segundo as graças e as necessidades de cada qual. Incentivam ainda a todos a cumprirem os deveres do próprio estado, enquanto atraem os mais adiantados a praticarem os conselhos evangélicos de modo adequado a cada qual. Em uma palavra, ensinam os fiéis a celebrar o Senhor de todo o coração, por hinos e cantos espirituais, em todo tempo e a propósito de tudo, rendendo graças a Deus Pai, em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo (39).

Os louvores e as ações de graças que elevam na celebração da Eucaristia, os mesmos presbíteros os ampliam nas diversas horas do dia, ao persolverem o Divino Ofício, pelo qual suplicam a Deus em nome da Igreja, em favor de todo o povo a si confiado e até pelo mundo inteiro.

A casa — na qual se celebra e guarda a Santíssima Eucaristia, onde ainda se congregam os cristãos e é venerada, para auxílio e consolação dos fiéis, a presença do Filho de Deus nosso Salvador, oferecido por nós na ara sacrificial — deve mostrar-se luzente e apta para a oração e as celebrações religiosas (40). Nela, Pastores e fiéis são convidados a corresponder com gratidão ao donativo d'Aquêlc que pela Sua Humanidade infunde continuamente vida divina nos membros de Seu Corpo (41):

cf. *Summa Theol.* III, q. 65, a. 3, ad. 1; 2. 79, a. 1, c, e ad 1.

(39) Cf. Ef 5,19-20.

(40) Cf. S. Jerônimo, Epíst. 114, 2: "... os santos cálices e as santas alfaias e o mais que pertence ao culto da paixão do Senhor são venerados com a mesma majestade que o Seu corpo e sangue" (PL 22, 934). Vid. OONC. VAT. II, Const. *Sacrosanctum Concilium*, de Sacra Liturgia, 04/12/1963, nn. 122-127; AAS 56 (1964), pp. 130-132.

(41) "Não omitam de fazer além disso de quando em quando a visita ao Santíssimo Sacramento, que deve ser guardado em lugar muito distinto e da maneira mais honrosa, nas igrejas, segundo as leis litúrgicas. Esta visita é como que uma prova de gratidão, penhor de amor e dever da necessária adoração, para com Cristo Senhor presente no Sacramento" (PAULO VI, Enc. *MYSTERIUM FIDEI*, 03/09/1965; AAS 57 (1965), p. 771.

Esforcem-se os presbíteros por cultivar como devem a ciência e arte litúrgica; para que, por seu ministério litúrgico, Deus, Pai e Filho e Espírito Santo, seja louvado com sempre maior perfeição, pelas comunidades cristãs a eles confiadas.

Governo do Povo de Deus

6. Exercendo o múnus de Cristo Cabeça e Pastor na parte de autoridade que lhes toca, os presbíteros reúnem, em nome do bispo, a família de Deus, como fraternidade animada por um só objetivo, e levam-na por Cristo no Espírito a Deus Pai (42). Para exercer tal ministério, como também os demais ofícios de presbítero, recebem um poder espiritual, dado evidentemente para edificação (42). Ao edificarem a Igreja, os presbíteros não de conduzir-se com todos na mais nobre humanidade, a exemplo do Senhor. Não de tratá-los não segundo o agrado dos homens (44), mas segundo as exigências da doutrina e vida cristã, ensinando-os e admoestando-os como a filhos os mais caros (45), segundo as palavras do Apóstolo: "Insiste de forma oportuna e importuna, refuta, ameaça, exorta com paciência inesgotável e preocupação de instruir" (*Tim 4,2*) (46).

Por isso compete aos sacerdotes, enquanto educadores na fé, cuidar, por si ou por outrem, que todos os fiéis cheguem no Espírito Santo a cultivar a vocação pessoal segundo o Evangelho, uma caridade sincera e operosa e a liberdade, pela qual Cristo nos libertou (47). Pouco aproveitarão as cerimônias ainda que belas, as associações mesmo florescentes, se não se orientarem a educar os homens à maturidade cristã (48). Para promoverem tal maturidade, não de auxiliá-los os presbíteros, capacitando-os a descobrir, nos acontecimentos de maior ou menor monta, o que exigem os fatos, qual a vontade de Deus. Sejam ainda os cristãos treinados a não viverem só para si, mas, segundo as exigências da nova lei da caridade, a porem uns a serviço dos outros a graça recebida (49) e, desta forma, realizarem todos, de maneira cristã, suas tarefas na comunidade humana.

Embora sejam devedores a todos, os presbíteros todavia aceitam como confiados a si de modo particular os pobres e mais humildes, aos quais o próprio Senhor se associou (50) e cuja evangelização é dada como sinal

(42) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 28: AAS 57 (1965), pp. 33-36.

(43) Cf. II Cor 10,8; 13,10.

(44) Cf. Gal 1,10.

(45) Cf. I Cor 4,14.

(46) Cf. Didascalia, II, 34, 3; II, 46, 6; II, 47, I; *Constitutiones Apostolorum*, II, 47, I (ed. F. X. Funk, *Didascalia et Constitutiones*, I, pp. 116, 142 e 143).

(47) Cf. Gal 4,3; 5,1 e 13.

(48) Cf. S. Jerônimo *Epist.*, 58, 7: "Que utilidade há em brilharem as paredes de pedras preciosas e morrer Cristo presente no pobre?" (PL 22, 534).

(49) Cf. I Pe 4,10 ss.

(50) Cf. Mt 25,34-45.

da obra messiânica (51). Com desvêlo igualmente peculiar hão de ocupar-se dos mais jovens e além disso dos esposos e pais, que deveriam reunir-se em grupos de amizade, para se auxiliarem mutuamente e agirem com mais facilidade e profundidade como cristãos nesta vida tantas vezes penosa. Recordem-se os presbíteros de que os religiosos e religiosas, parte distinta que são na casa do Senhor, merecem todo desvêlo para seu progresso espiritual em benefício de toda a Igreja. Mostrem enfim a maior solicitude para com os doentes e agonizantes, visitando-os e confortando-os no Senhor (52).

O múnus de Pastor não se reduz porém ao cuidado individual dos fiéis, mas abarca, como tarefa própria, a formação de uma autêntica comunidade cristã. Para desenvolver porém devidamente o espírito de comunidade, há de êle transpor os limites da igreja local, para consagrar-se também à Igreja universal. Assim, a comunidade local não primará apenas pela dedicação aos próprios fiéis, mas, imbuída de espírito missionário, há de preparar para todos os homens o caminho em direção a Cristo. De forma especial, recomendam-se-lhe todavia os catecúmenos e neófitos, que precisam ser educados, passo a passo, para a descoberta e a prática da vida cristã.

Não se edifica no entanto nenhuma comunidade cristã, se ela não tiver por raiz e centro a celebração da Santíssima Eucaristia: por ela, há de iniciar-se por isso toda educação do espírito comunitário (53). Para esta celebração no entanto realizar-se de maneira sincera e plena, deve constituir-se da mesma forma em canal para as múltiplas obras de caridade e auxílio mútuo, para a ação missionária, como ainda para as várias formas de testemunho cristão.

É aliás pela caridade, oração, exemplo e obras de penitência, que a comunidade eclesial desempenha verdadeira função de mãe para com as almas que devem ser levadas a Cristo. Pois a comunidade se transforma em instrumento eficaz, a indicar e a abrir o caminho para Cristo e Sua Igreja aos olhos dos que ainda não creem. Por ela também se despertam, nutrem e robustecem os fiéis para a luta espiritual.

(51) Cf. Lc 4,18.

(52) Outras Categorias ainda podem ser arroladas, por exemplo, os imigrantes nômades etc. Dêles se fala no Decreto *Christus Dominus*, de pastorali Episcoporum munere in Ecclesia, 28/10/1965.

(53) Cf. *Didascalia*, II, 50, 1-3: "Ensinando, impõe e exorta o povo a frequentar a igreja e aí não faltar de modo nenhum, mas a reunir-se sempre e a não diminuir a igreja, subtraindo-se e fazendo com que o corpo de Cristo tenha membro a menos... já que sois membros de Cristo, não queirais dispersar-vos da igreja por não vos reunirdes; tendo a Cristo como cabeça, segundo a promessa d'Ele sempre presente e em comunicação convosco, não vos descuidéis de vós mesmos, nem afastéis o salvador de seus membros, dividindo e dispersando seu corpo..." (ed. F. X. Funk, I, p. 170); PAULO VI, Allocução aos que do clero italiano estiveram presentes ao Encontro XIII que se realizou por uma semana em Urbini, conferir di aggiornamento pastorale, 06/09/1963: *AAS* 56 (1963), pp. 750 ss.

Na construção da comunidade cristã, os presbíteros não estão jamais a serviço de alguma ideologia ou facção humana, mas, como Arautos do Evangelho e Pastôres da Igreja, se desdobram por conseguir o crescimento espiritual do Corpo de Cristo.

II. RELAÇÕES DOS PRESBÍTEROS

Bispos e sacerdotes e suas relações com os demais homens

7. Os presbíteros todos, juntos com os bispos, participam de tal sorte de um e mesmo sacerdócio e ministério de Cristo, que essa unidade de consagração e missão chega a postular a comunhão hierárquica dêles com a Ordem dos Bispos (54), comunhão essa que se patenteia da melhor maneira nos casos de concelebração litúrgica. Unidos aos bispos é que prometem celebrar a Assembléia Eucarística (55). Por causa do dom do Espírito Santo, que foi dado aos presbíteros na sagrada Ordenação, são êles os auxiliares e conselheiros necessários dos bispos no ministério e no múnus de ensinar, santificar e apascentar o Povo de Deus (56). É o que proclamam com insistência, desde os tempos remotos da Igreja, os documentos litúrgicos, enquanto imploram solenemente de Deus, por sobre o presbítero que se ordena, a infusão "do espírito da graça e do conselho, para que ajude e governe o povo num coração puro" (57), assim como no deserto o espírito de Moisés se comunicou aos setenta homens prudentes (58), "a fim de que, por êles auxiliado, pudesse governar com faci-

(54) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 28: AAS 57 (1965), p. 35.

(55) Cf. a assim chamada *Constitutio Ecclesiastica Apostolorum*, XVIII: os presbíteros são *symmystai* e *synepimachoi* dos bispos (ed. Th. Schermann, *Die allgemeine Kirchenordnung*, I, Paderborn 1914, p. 26; A. Harnac, *T. u. U.*, II, 4, p. 13, n. 18 e 19); Pseudo-JERÔNIMO, *De Spetem Ordinibus Ecclesiae*: "...na bênção são consortes com os bispos nos mistérios" (ed. A. W. Kalff, Würzburg 1937, p. 45); S. Isidro da Espanha, *De Ecclesiasticis Officiis*, c. VII: "Pois êles presidem a Igreja de Cristo e na confecção do Corpo e Sangue são consortes com os bispos, de forma semelhante também na doutrinação dos povos e no ofício da pregação" (PL 83, 787).

(56) Cf. *Didascalia*, II, 28, 4 (ed. F. X. Funk, p. 108); *Constitutiones Apostolorum*, II, 28,4; II, 34, 3 (ibid., pp. 109 e 117).

(57) *Const. Apost.*, VIII, 16, 4 (ed. F. X. Funk, I, p. 522, 13); cf. *Epitome Const. Apost.* VI (ibid., II, p. 80, 3-4); *Testamentum Domini*: "dá-lhe o Espírito da graça do conselho, da grandeza da alma, o espírito do presbíterato... para ajudar e governar o teu povo na ação, no temor, no coração puro" (trad. E. Rahmani, Mogúncia 1899, p. 69). O mesmo na *Trad. Apost.* (ed. B. Botte, *La Tradition Apostolique*, Münster i. W. 1983, p. 20).

(58) Cf. Num 11,16-25.

lidade as inúmeras multidões do povo" (59). Por causa desta comunhão no mesmo sacerdócio e ministério, os bispos tenham os presbíteros em conta de irmãos e amigos (60) e, na medida de suas forças, tomem a peito o bem deles, tanto o material, quanto sobretudo o espiritual. Pois é em primeiro lugar sobre eles que recai o grave dever de santidade de seus sacerdotes (61); consagrem pois o maior cuidado ao aprimoramento contínuo de seu presbitério (62). Saibam escutá-los, consultá-los mesmo, e com eles se entreter sobre as necessidades da ação pastoral e o bem da diocese. Para que isso de fato seja levado à prática, forme-se — num modo adaptado às circunstâncias e necessidades hodiernas (63), na forma e por

-
- (59) Pont. Rom., *De ordinatione Presbyteri*, prefação; as palavras já se encontram no *Sacramentarium Leonianum*, *Sacramentarium Gelasianum* e *Sacramentarium Gregorianum*. Expressões semelhantes encontram-se nas Liturgias Orientais; cf. Trad. Apost.: "...olha para este Teu servo e concede-lhe o espírito da graça e no conselho, para que auxilie os presbíteros e governe o Teu povo de coração puro, assim como olhaste para o povo de Tua eleição e mandas-te a Moisés que escolhesse presbíteros a quem encheste com Teu espírito que deste a teu servo" (de uma antiga trad. veronense, ed. B. Botte, *La Tradition Apostolique de S. Hippolyte. Essai de reconstruction*, Münster i. W. 1963, p. 20); Const. Apost. VIII, 16, 4 (ed. F. X. Funk, II, p. 20, 5-7); Epit. Const. Apost. 6 (ed. F. X. Funk, II, p. 20, 5-17); *Testamentum Domini* (trad. I. E. Rahmani, Mogúncia 1899, p. 69); *Euchologium Serapionis*, XXVII (ed. F. X. Funk, *Didascalia et Constitutiones*, II, p. 190, linha 1-7); *Ritus Ordinationis in ritu Maronitarum* (trad. H. Denzinger, *Ritus Orientalium*, II Würzburg 1863, p. 161). Entre os padres podem ser citados TEODORO DE KOPSUESTIA, In I Tim 3,8 (ed. Swete, II, pp. 119-121); TEODORETO, *Quaestiones in Numeros*, XVIII, (PG 80, 372 b).
- (60) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 28 : AAS 57 (1965), p. 35.
- (61) Cf. JOÃO XXIII, Enc. SACERDOTII NOSTRI PRIMORDIA, 01/08/1959. AAS 51 (1959), p. 576; S. PIO X, Exortação ao clero *Haerent animo*, 04/08/1908; S. PIO X Acta, vol. IV (1908), pp. 237 ss.
- (62) CONC. VAT. II, Decr. *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, 28/10/1965, nn. 15 e 16.
- (63) No direito existente temos o Cabido da Catedral, como "senado e conselho" do bispo (C.I.C., c. 391), ou, na falta dele, a assembléa dos consultores diocesanos (cf. C.I.C., cc. 423-428). Deseja-se porém que tais instituições sejam de tal forma atualizadas que correspondam melhor às condições e necessidades de hoje. Como é evidente, tal Conselho de Presbíteros é outro que o Conselho Pastoral de que fala o Decreto *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, 28/10/1965, n. 27, de que fazem parte também leigos e a quem incumbe apenas promover os levantamentos para as obras pastorais. Sobre presbíteros, como conselheiros dos bispos, pode consultar-se *Didascalia*, II, 28, 4 (ed. F. X. Funk, I, p. 108); ainda Const. Apost., II, 28, 4 (ed. F. X. Funk, p. 244, 10-12), Orígenes, *Adv. Celsum*, 3, 30 : Os presbíteros são conselheiros ou *bofleytai* (PG 11, 957 d — 960 a).

normas a serem traçadas pelo direito — um grupo ou senado (64) de sacerdotes, que representem o presbitério e possam auxiliar eficazmente com seus conselhos o bispo no governo da diocese.

Os presbíteros, por sua vez, tendo diante dos olhos a plenitude do Sacramento de que desfrutam os bispos, respeitem nêles a autoridade de Cristo, supremo Pastor. Unam-se pois a seu bispo por uma caridade sincera e pela obediência. (65). Esta obediência sacerdotal, repassada de espírito de cooperação, se baseia na própria participação do ministério episcopal, que é conferido aos presbíteros através do Sacramento da Ordem e da missão canônica (66).

Requer-se tanto mais em nossos dias a união dos presbíteros com os bispos, porquanto nesse nosso tempo, por motivos diversos, as iniciativas apostólicas não só terão que revestir formas múltiplas, mas deverão ainda ultrapassar os limites de uma só paróquia e diocese. Nenhum presbítero pode por isso, isolada e como que individualmente, cumprir de maneira satisfatória a sua missão, mas há de unir suas forças às de outros presbíteros, sob a direção dos chefes da Igreja.

Fraternidade entre presbíteros

8. Os presbíteros, estabelecidos na Ordem do presbiterato através da Ordenação, estão ligados entre si por uma íntima fraternidade sacramental; de modo especial, porém, formam um só presbitério na diocese para cujo serviço estão escalados sob a direção do bispo próprio. Pois, embora se destinem a tarefas diversas, desempenham no entanto um único ministério sacerdotal em favor dos homens. Todos os presbíteros são enviados a cooperar na mesma obra, exerçam êles um ministério paroquial ou supraparoquial, contribuam êles para investigar ou para transmitir a ciência, dediquem-se êles até a trabalhos manuais, participando da sorte dos próprios operários — onde isso parecer vantajoso, com a aprovação

-
- (64) S. Inácio M., *Magn.*, 6, 1: "Exorto-vos a que vos esforcéis por realizar tudo na concórdia de Deus, presidindo o bispo em lugar de Deus e os presbíteros em lugar do senado apostólico e os diáconos para mim amabilíssimos, a quem vem confiado o ministério de Jesus Cristo, que antes dos séculos estava com o Pai e no final apareceu (ed. F. X. Funk, p. 234, 10-13); S. Inácio M., *Trall.*, 3, 1: "Todos da mesma forma venerem os diáconos como a Jesus Cristo. Venerem assim também ao bispo, que é o tipo do Pai; aos presbíteros porém como ao senado de Deus e concílio dos Apóstolos: sem êstes não há o que se chama Igreja (ibid., p. 244, 10-12); S. Jerônimo, *In Isaiam*, II, 3 (PL 24, 61 A): "Também nós temos na Igreja o nosso Senado, a assembléia dos presbíteros".
- (65) Cf. PAULO VI, *Alocução aos membros da cúria e aos pregadores da quaresma na Cidade Eterna, proferida na Capela Sixtina, 01/03/1965: AAS 57 (1965), p. 326.*
- (66) Cf. *Const. Apost.*, VIII, 47, 39: "Os presbíteros... sem o consentimento do bispo nada façam; é a êle que foi confiado o povo do Senhor e dêle há de pedir-se conta pelas almas dêles" (ed. F. X. Funk, p. 577).

da competente Autoridade, é claro — cumpram êles afinal outras atividades apostólicas ou preparatórias para o apostolado. Para uma coisa de fato conspiram todos, a saber, para a edificação do Corpo de Cristo, edificação que, sobretudo em nossos dias, exige múltiplas funções como também novas adaptações. Por êste motivo é de grande importância que todos os presbíteros, tanto diocesanos quanto religiosos, se ajudem uns aos outros, para serem sempre cooperadores da verdade (67). Com os demais membros dêste presbitério, cada qual está unido por laços especiais de caridade apostólica, de ministério e fraternidade: é o que já desde tempos antigos se exprime litúrgicamente na hora em que os presbíteros presentes são convidados a impor as mãos sôbre o nôvo eleito, junto com o bispo que ordena, e quando em coração unânime concelebram a Sagrada Eucaristia. Cada um dos presbíteros se une pois a seus confrades pelo vínculo da caridade, oração e onímota cooperação. Assim é que se manifesta aquela união, pela qual Cristo quis que os seus se consumassem na unidade, a fim de que o mundo conhecesse que o Filho fôra enviado pelo Pai (68).

Isso há de animar os de idade mais avançada a acolher os mais jovens como irmãos e a ajudá-los nas primeiras iniciativas e encargos do ministério, fazendo tudo por também compreender-lhes a mentalidade — embora diversa da sua — além de apoiar com benevolência suas iniciativas. Os jovens da mesma forma saberão respeitar a idade e experiência dos mais velhos e com êles dialogar sôbre assuntos pastorais e compartilhar com gôsto seu trabalho.

Levados pelo espírito fraterno, não esqueçam os presbíteros a hospitalidade (69), pratiquem a beneficência e a comunhão de bens (70), solícitos sobretudo com os doentes, aflitos, sobrecarregados de trabalhos, solitários, exilados da pátria, como igualmente com os que sofrem perseguição (71). Também para uma folga reúnam-se com gôsto e prazer, lembrados das palavras com que o próprio Senhor convidava os Apóstolos cansados: “Vinde à parte para um lugar deserto e descansai um pouco”, *Mc 6,31*”. Além disso, para os presbíteros encontrarem mútuo auxílio no cultivo da vida espiritual e intelectual, para melhorarem a cooperação no ministério, para se livrarem dos perigos de solidão que acaso surgirem, incentive-se entre êles alguma vida comunitária e alguma sociedade de vida, que no entanto pode revestir-se de muitas formas, segundo as necessidades diversas, pessoais e pastorais, como sejam a coabitação, onde possível, ou a mesa comum, ou ao menos reuniões freqüentes e periódicas. Merecem alta estima e diligente promoção as associações que, com esta-

(67) Cf. III Jo 8.

(68) Cf. Jo 17,23.

(69) Cf. Heb 13,1-2.

(70) Cf. Heb 13,16.

(71) Cf. Mt. 5,10.

tutos reconhecidos pela autoridade competente, por um plano acertado e convenientemente experimentado de vida, numa assistência fraterna, estimulam a santidade dos sacerdotes dentro do exercício do ministério, num esforço de assim servir a tōda a Ordem dos presbíteros.

Afinal, por motivo da mesma comunhão no sacerdócio, saibam-se os presbíteros especialmente obrigados para com os que se encontram em alguma dificuldade. Em tempo lhes prestem apoio, mesmo se fôr o caso de admoestá-los discretamente. Aos que porém se transviaram em algum ponto, acompanhem-nos sempre com fraterna caridade e alma grande, multipliquem em favor dêles ardentes súplicas a Deus e se lhes revelem continuamente como sendo de fato irmãos e amigos.

Presbíteros e leigos

9. Os sacerdotes do Nōvo Testamento — embora exerçam, em razão do Sacramento da Ordem, a tarefa mais elevada e indispensável de pais e mestres no seio do Povo e em favor do Povo de Deus — juntamente com todos os fiéis cristãos, são discípulos do Senhor, feitos participantes do Reino d'Ele pela graça de Deus que os chamou (72). Na companhia de todos os que se regeneraram na fonte do batismo, os presbíteros são irmãos entre irmãos (73), como membros de um só e mesmo Corpo de Cristo, cuja edificação a todos foi confiada. (74).

É pois mister que os presbíteros presidam de tal forma — não procurando o que é seu, mas o que é de Jesus Cristo (75) — que conjuguem seus esforços com os fiéis leigos, e no meio dêles se comportem a exemplo do Mestre que entre os homens não veio para ser servido, mas para servir e dar a alma em redenção por muitos" (*Mt* 20,28). Reconheçam e promovam os presbíteros sinceramente a dignidade dos leigos e suas incumbências na missão da Igreja. Acatem conscienciosamente a justa liberdade que é quinhão de todos na cidade terrestre. Ouçam com gōsto os leigos, apreciando fraternalmente seus desejos, reconhecendo sua experiência e competência nos diversos campos da atividade humana, para poderem junto com êles verificar os sinais dos tempos. Pondo à prova os espíritos para ver se são de Deus (76), descubram com o senso da fé, reconheçam com alegria e incentivem com entusiasmo os multiformes carismas dos leigos, dos modestos aos mais elevados. Entre os demais dons de Deus, que

(72) Cf. I Tess 2,12; Col 1,13.

(73) Cf. *Mt* 23,8. "É por isso necessário que pelo mesmo motivo por que desejamos ser pastōres, pais e mestres, saibamos agir como irmãos dêles" (PAULO VI, Enc. ECCLESIAN SUAM, 06/08/1964: AAS 58 (1964), p. 647).

(74) Cf. Ef 4,7 e 16; Const. Apost., VIII, 1, 20: "Que também o bispo não se exalte contra os diáconos ou presbíteros nem os presbíteros contra o povo; pois é de ambas as partes que se forma a reunião da assembléa" (ed. F. X. Funk, I, p. 467).

(75) Cf. Filip 2,21.

(76) Cf. I Jo 4,1.

se encontram abundantemente no meio dos fiéis, são dignos de especial carinho aqueles que atraem não poucos para uma mais elevada vida espiritual. Da mesma forma entreguem com confiança tarefas aos leigos para o serviço da Igreja, deixando-lhes liberdade e possibilidade de agir, convidando-os mesmo oportunamente a enfrentar obras também por sua iniciativa (77).

Os presbíteros foram afinal colocados no meio dos leigos para levarem todos à unidade da caridade, "amando uns aos outros com amor fraterno, cada qual considerando os outros como mais beneméritos" (*Rom* 12,10). É tarefa deles harmonizar de tal forma as diversas mentalidades, que ninguém se sinta estranho na comunidade dos fiéis. Sejam defensores do bem comum, pelo qual se desvelam em nome do bispo, mas ao mesmo tempo testemunhas corajosas da verdade, para os fiéis não se deixarem arrastar por qualquer vento de doutrina (78). À sua especial solicitude se encomenda os que abandonaram a praxe sacramental, quiçá mesmo a fé. Como bons pastôres, não deixem de fato de abordá-los.

Dando ouvido às prescrições sobre o ecumenismo (79), não se esqueçam dos irmãos que não desfrutam conosco de plena comunhão eclesial.

Afinal, considerem como confiados a si todos aqueles que não reconhecem a Cristo como Seu Salvador.

Os fiéis cristãos por sua vez tenham consciência de seus deveres para com os presbíteros. Cerquem-nos por isso com amor filial, como a seus pastôres e pais. Compartilhando de suas preocupações, auxiliem ainda a seus presbíteros pela oração e ação quanto puderem, para que possam vencer com mais galhardia e cumprir suas tarefas com maior proveito (80).

III. A DISTRIBUIÇÃO DOS PRESBÍTEROS E AS VOCAÇÕES SACERDOTAIS

Distribuição dos presbíteros

10. O dom espiritual que os presbíteros receberam na ordenação prepara-os não para uma missão por assim dizer limitada e restrita, mas para a missão amplíssima e universal da salvação "até os confins da ter-

(77) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 37 : AAS 57 (1965), pp. 42-43.

(78) Cf. Ef 4,14.

(78) Cf. Ef 4,14.

(79) Cf. CONC. VAT. II, Decr. *Unitatis Redintegratio*, sobre o Ecumenismo 21/11/1964 : AAS 57 (1965), pp. 90 ss.

(80) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 37 : AAS 57 (1965), pp. 42-43.

ra" (*At* 1,8). Pois todo e qualquer ministério sacerdotal participa da mesma amplitude universal da missão confiada por Cristo aos Apóstolos. É que o sacerdócio de Cristo, do qual os presbíteros se tornaram de fato participantes, destina-se necessariamente a todos os povos e a todos os tempos e não se vê restringido por limite algum de raça, nação e idade, como já se encontra prefigurado de modo oculto na personalidade de Melquisedec (81). Lembrem-se por isso os presbíteros que devem ter a peito a solicitude de tôdas as igrejas. Por tal motivo, os presbíteros daquelas dioceses que foram aquinhoadas com maior número de vocações disponham-se com gôsto a exercer o seu ministério nas regiões, missões ou obras, que lutam com falta de clero, desde que o permita ou encoraje o próprio Ordinário.

Aliás as normas de encardinação e excardinação devem ser revistas de tal sorte, que, ao manter-se essa antiqüíssima instituição, chegue ela todavia a corresponder melhor às necessidades pastorais dos dias de hoje. Onde no entanto o exigirem razões de apostolado, aplainem-se os caminhos não apenas à adequada distribuição de presbíteros, mas também às obras pastorais especializadas, em favor dos diversos grupos sociais, obras que em alguma região ou nação ou em qualquer parte do mundo devem ser levadas a têrmo. Para tal fim poderão ser criados útilmente certos seminários internacionais, dioceses especiais e prelaturas pessoais e outras tantas instituições dêste tipo. Aí, por formas a serem estabelecidas para cada iniciativa, e resguardando sempre os direitos dos ordinários dos lugares, os presbíteros. hão de ser destinados ou encardinados em benefício de tôda a Igreja.

Para uma nova região no entanto — sobretudo se ainda não lhe conhecem bem a língua e os costumes — não se enviem sacerdotes isolados, mas, a exemplo dos discípulos de Cristo (82) ao menos de dois em dois ou de três em três, para assim se ajudarem mutuamente. Importa da mesma forma cuidar solicitamente de sua vida espiritual, como também de sua saúde psíquica e física. E, enquanto fôr viável, preparem-se em favor dêles lugares e condições de trabalho de acôrdo com as possibilidades pessoais de cada um. É ainda de grande conveniência que aquêles que demandam uma nova nação se esforcem por conhecer de maneira adequada não somente a língua do país, mas também as peculiaridades da índole psicológica e social do povo a quem querem servir em humildade, comungando com êle da maneira mais perfeita, a ponto de seguirem o exemplo de Paulo Apóstolo, que de si mesmo pôde dizer: "Sim, livre em relação a todos, de todos me fiz escravo, a fim ganhar o maior número. E me fiz judeu com os judeus, a fim de ganhar os judeus..." (*I Cor* 9, 19-20).

(81) Cf. *Heb* 7,3.

(82) Cf. *Lc* 10,1.

Vocações sacerdotais

11. O Pastor e Bispo de nossas almas (83) organizou de tal forma Sua Igreja, que o Povo, a quem escolheu e adquiriu com Seu sangue (8), sempre e até o fim do século devesse ter os seus sacerdotes, para jamais os cristãos estarem como ovelhas sem pastor (85). Reconhecendo esta vontade de Cristo, os Apóstolos, dando ouvido ao que lhes dizia o Espírito Santo, acharam que era de sua obrigação eleger ministros “que forem capazes de por sua vez instruir os outros” (II *Tim* 2,2). Tal dever evidentemente faz parte da própria missão sacerdotal, pela qual o presbítero se torna de fato participante da preocupação de toda a Igreja, de não chegarem nunca a faltar no Povo de Deus aqui na terra os operários. Como no entanto “existe uma comunidade de destino... entre o comandante do navio e os passageiros” (86), há de o Povo cristão todo ser instruído, que é tarefa sua, cooperar de diversos modos, pela oração insistente como ainda por outros meios a seu dispor (87), a fim de que a Igreja tenha sempre aqueles sacerdotes que são necessários ao cumprimento de sua missão divina. Em primeiro lugar, pois, tenham os presbíteros muito a peito, de, pelo ministério da palavra e pelo próprio testemunho de vida — que manifeste de maneira patente o espírito de serviço e a verdadeira alegria pascal — colocar diante dos olhos dos fiéis a excelência do sacerdócio e a necessidade. Ajudem, sem poupar esforços ou incômodos, aos jovens ou mais adultos, que julgarem prudentemente idôneos para tão elevado ministério, a se prepararem devidamente, e assim um dia — garantida a sua plena liberdade externa e interna — poderem ser chamados pelos bispos. Para alcançar tal objetivo, a direção espiritual conscienciosa e prudente é da mais alta utilidade. Pais e mestres e todos a quem de qualquer forma incumbe o dever de educar os rapazes e jovens ensinem-nos de tal forma, que conheçam a solicitude do Senhor para com seu rebanho, pesem as necessidades da Igreja e se disponham a responder generosamente ao chamamento do Senhor, com o profeta: “Aqui estou, envia-me” (*Is* 6,8). No entanto, esta voz do chamamento do Senhor não deve de maneira alguma ser aguardada, como se chegasse por algum canal extraordinário aos ouvidos do futuro presbítero. Antes, deve ela ser en-

(83) Cf. I *Pe* 2,25.

(84) Cf. *At* 20,28.

(85) Cf. *Mt* 9,36.

(86) *Pont. Rom., De Ordinatione Presbuteri.*

(87) Cf. *CONC. VAT. II, Decr. Optatam Totius, sobre a formação sacerdotal, -28/10/1965, n. 2.*

tendida e discernida pelos sinais, pelos quais todos os dias se manifesta a vontade de Deus aos cristãos que sabem escutar; êsses sinais hão de ser avaliados com atenção pelos presbíteros (88).

A êles pois muito recomendamos as Obras das Vocações tanto diocesanas quanto nacionais (89). Nas pregações, na catequese, nas revistas, terão que ser expostas com eloquência as necessidades da Igreja, tanto local quanto universal, terão que ser colocados em viva luz o sentido e a grandeza do ministério sacerdotal, pois harmoniza êle em si tão grandes encargos e tão profundas alegrias e presta-se sobretudo, como ensinam os Padres, a dar a Cristo o mais elevado testemunho de amor (90).

CAPÍTULO III

A VIDA DOS PRESBÍTEROS

I. VOCAÇÃO DOS PRESBÍTEROS À PERFEIÇÃO

Santidade sacerdotal

12. Pelo Sacramento da Ordem os presbíteros se configuram com Cristo Sacerdote, na qualidade de ministros da Cabeça, para construir e edificar todo o Seu Corpo que é a Igreja, como cooperadores da Ordem episcopal. De fato, já na consagração do batismo receberam, como todos os cristãos, o sinal e o dom de tamanha vocação e graça que, mesmo na fraqueza humana (91), pudessem e devessem lutar pela perfeição, segundo a divisa do Senhor: "Vós pois sereis perfeitos, como também vosso Pai celeste é perfeito" (Mt 5,48). Os sacerdotes porém se vêem obrigados por um título especial a atingir tal perfeição, pelo fato de êles, consagrados a Deus de modo nôvo pela recepção da Ordem, se transformarem em instrumentos vivos de Cristo Eterno Sacerdote, a fim de poderem ao

(88) "A voz de Deus que chama exprime-se de dois modos distintos, maravilhosos e convergentes: um interior, o da graça, o do Espírito Santo, o inefável do fascínio interior que a voz silenciosa e poderosa do Senhor exerce nas insondáveis profundezas da alma humana; e um exterior, humano, sensível, social, jurídico, concreto, o do ministro qualificado da Palavra de Deus, o do Apóstolo, o da Hierarquia, instrumento indispensável, instituído e ordenado por Cristo, como veículo encarregado de traduzir em linguagem perceptível a mensagem do verbo e do preceito divino. Assim ensina com São Paulo a doutrina católica: *Quomodo audient sine praedicante... Fides ex auditu* (Rom 10,14 e 17)" PAULO VI, Discurso do dia 05/05/1965: *L'Osservatore Romano* de 06/05/1965, p. 1.

(89) Cf. CONC. VAT. II, Decr. *Optatum Totius*, sobre a formação sacerdotal, 28/10/1965, n. 2.

(90) É o que ensinam os padres, quando explicam as palavras de Cristo a Pedro: "Amas-me?... Apascenta as minhas ovelhas" (Jo 21,17): S. João Crisóstomo, *De sacerdotio*, II, 1-2 (PG 47-48, 633); S. Gregório Magno, *Past. Liber*, P. I. c. 5 (PL 77, 19 a).

(91) Cf. II Cor 12,9.

longo dos tempos completar a obra admirável d'Ele, que reintegrou com a eficiência do alto toda a sociedade dos homens (92). Como pois cada sacerdote, a seu modo, faz as vezes da pessoa do próprio Cristo, é também enriquecido por uma graça peculiar, para que, no serviço dos homens a ele confiados e do Povo de Deus todo, possa tender mais adequadamente à perfeição d'Aquêle a quem representa, e para que a santidade d'Aquêle que se fez por nós Pontífice "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores" (*Heb 7,26*), possa remediar à fraqueza do homem carnal.

Cristo, a quem o Pai santificou, ou consagrou, e enviou ao mundo (93), "entregou-se por nós a fim de nos resgatar de toda iniquidade e de purificar um povo que lhe pertencesse como próprio, zeloso pelo bem" (*Tim 2,14*), e assim pela Paixão entrou para a Sua glória (94). De modo semelhante, os presbíteros, consagrados pela unção do Espírito Santo e enviados por Cristo, mortificam em si mesmos as obras da carne e se dedicam totalmente ao serviço dos homens, e assim podem avançar na santidade pela qual foram enriquecidos em Cristo, até chegarem ao homem perfeito (95).

Exercendo assim o ministério do Espírito e da justiça (96) — contanto que se deixem instruir pelo Espírito de Cristo que os vivifica e guia — firmam-se na vida espiritual. Pois, pelos próprios atos litúrgicos de cada dia, como também por todo o seu ministério que exercem em comunhão com o bispo e os presbíteros, orientam-se eles para a perfeição da vida. A mesma santidade dos presbíteros por sua vez contribui muitíssimo para cumprirem com fruto o próprio ministério: pois, embora a graça possa levar a termo a obra da salvação também por ministros indignos, no entanto prefere Deus, ordinariamente, manifestar as Suas maravilhas através daqueles que se fizeram mais dóceis ao impulso e à direção do Espírito Santo, pela íntima união com Cristo e santidade de vida, e que podem dizer com o Apóstolo: "E, se vivo, já não sou eu, mas é Cristo que vive em mim" (*Gal 2,20*).

Por tal motivo, o Sacrossanto Sínodo, para atingir seus objetivos pastorais de renovação interna da Igreja, de difusão do Evangelho no mundo todo, e ainda de diálogo com o mundo hodierno, exorta com veemência a todos os sacerdotes a que empreguem os meios aptos recomendados pela Igreja (97) e aspirem àquela santidade sempre maior, que os fará instrumentos de dia em dia mais aptos para o serviço de todo o Povo de Deus.

(92) Cf. PIO XI, Enc. AD CATHOLICI SACERDOTII, 20/12/1935: AAS 28 (1936), p. 10.

(93) Cf. Jo 10,36.

(94) Cf. Lc 24,26.

(95) Cf. Ef 4,13.

(96) Cf. II Cor 3,8-9.

(97) Cf. entre outros: S. PIO X, Exortação ao clero *Haerent animo* 04/08/1908: S. PII X, Acta., vol. IV (1908), pp. 237 ss; PIO XI, Enc. AD CATHOLICI SACERDOTII, 20/12/1935: AAS 28 (1936); pp. 5 ss; PIO XII, Adm. Apost. *Menti Nostrae* 23/09/1950: AAS 42 (1950), pp. 057 ss; JOÃO XXIII, Enc. SACERDOTII NOSTRI PRIMORDIA, 01/08/1959: AAS 51 (1959), pp. 545 ss.

Ministério e santidade

13. Os presbíteros alcançarão a santidade de maneira autêntica, se desempenharem as tarefas de modo sincero e incansável no Espírito de Cristo.

Como são ministros da Palavra de Deus, lêem todos os dias e escutam a palavra de Deus que aos outros têm que ensinar. Se fizerem o possível por acolhê-la a um tempo em si mesmos, tornar-se-ão de dia para dia discípulos mais perfeitos do Senhor, conforme as palavras de Paulo Apóstolo a Timóteo: "Medita-o, empenha-te nisso, a fim de que teus progressos a todos sejam manifestos. Vela sobre a tua pessoa e doutrina; persevera nestas disposições. Agindo desta maneira salvarás a ti mesmo e aqueles que te ouvem" (I Tim 4,15-16). Procurando o melhor modo de transmitir a outros o que contemplaram (98), chegarão a saborear mais a fundo "a insondável riqueza de Cristo" (Ef 3,8) e a sabedoria multiforme de Deus (99). Tendo diante dos olhos que é o Senhor que abre os corações (100) e que sua superioridade não provém deles próprios, mas de Deus (101), no mesmo ato de transmitir o verbo se unirão mais intimamente com Cristo Mestre e serão guiados por Seu Espírito. Comunicando-se assim com Cristo, participam da caridade de Deus, cujo mistério, escondido desde séculos (102), foi revelado em Cristo.

Como ministros da liturgia, sobretudo no Sacrifício da Missa, os presbíteros representam de maneira especial a pessoa de Cristo, que Se entregou a Si próprio como vítima para santificar os homens. Por isso são convidados a imitar o que fazem. Uma vez que celebram o mistério da morte do Senhor, procurem mortificar seus membros, abstendo-se dos vícios e das concupiscências (103). No mistério do Sacrifício Eucarístico, em que os sacerdotes cumprem sua função principal, realiza-se de modo contínuo a obra de nossa redenção (104). Por isso é que se recomenda com muita insistência sua celebração diária, pois, mesmo que não se possa contar com a presença de fiéis, é ela um ato de Cristo e da Igreja (105). Por conseguinte, enquanto os presbíteros se unem com a ação

(98) Cf. S. Tomás, *Summa Theol.*, II-II, q. 188, a. 7.

(99) Cf. Heb 3,9-10.

(100) Cf. At 16,14.

(101) Cf. II Cor 4,7.

(102) Cf. Ef 3,9.

(103) Cf. Pont. Rom., *De Ordinatione Presbyteri*.

(104) Cf. *Missale Romanum*, Oração sobre as oblatas do dom. IX dep. de Pent.

(105) "Toda a Missa, ainda que celebrada privatamente por um sacerdote, não é ação privada, ação de Cristo e da Igreja. Esta, no sacrifício que oferece, aprende a oferecer-se a si mesma como sacrifício universal, e aplica, pela salvação do mundo inteiro, a única e infinita eficácia redentora do Sacrifício da Cruz. Na realidade, qualquer Missa celebrada oferece-se não apenas pela salvação de alguns, mas pela salvação do mundo inteiro. (...) Recomendamos, portanto, com paternal insistência, a todos os sacerdotes, que são mais que ninguém a Nossa alegria e a Nossa coroa, ... que celebrem todos os dias com dignidade e devoção a Santa Missa." (PAULO VI, Enc. MYSTERIUM FIDEI, de 03/09/1965: AAS 57 (1965), pp. 761-762. Cf. CONC. VAT. II, Const. Sacrosanctum Concilium, sobre a B. Liturgia, de 04/12/1963, n. 26 e 27: AAS 56 (1964), p. 107.

de Cristo Sacerdote, oferecem-se diariamente todo inteiros a Deus; enquanto se nutrem do Corpo de Cristo, participam no íntimo de Sua caridade que Se dá em alimento aos fiéis. Na administração dos Sacramentos unem-se da mesma forma com a intenção e a caridade de Cristo. Fazem-no de maneira especial ao exercerem o múnus do Sacramento da Penitência, quando se mostram sempre prontos e disponíveis, tôdas as vêzes que os fiéis o pedirem razoavelmente. Na recitação do Ofício Divino, emprestam a voz à Igreja que persevera na oração em nome de todo o gênero humano, em união com Cristo que "vive sempre a interceder em nosso favor" (*Heb 7,25*).

Dirigindo e apascentando o Povo de Deus, são animados pela caridade do Bom Pastor a dar a vida pelas ovelhas (106), preparados até para o supremo sacrifício, seguindo o exemplo de sacerdotes que também nos tempos de hoje não se recusaram a sacrificar a vida. Educadores que são na fé, e possuindo êles mesmos "a confiança para o acesso ao santuário pelo sangue de Cristo" (*Heb 10,19*), acheguem-se a Deus "com coração sincero, na plenitude da fé" (*Heb 10,22*); mantêm firme esperança em meio de seus fiéis (107), para poderem consolar aquêles que se encontram em plena aflição, exortando-os nos termos de exortação que recebem de Deus (108). Como chefes da comunidade cultivam a ascese própria do pastor de almas, renunciando a proveitos pessoais e não procurando o que lhes é útil e sim o que é útil a muitos para a salvação (109); progredindo sempre mais além, para cumprirem com maior perfeição a obra pastoral; estando dispostos, onde fôr necessário, a enveredar por caminhos novos de pastoral, sob a direção do Espírito do amor que sopra onde quer (110).

Unidade de vida

14. No mundo de hoje são tão numerosas as tarefas que os homens têm que enfrentar e tamanha a diversidade de problemas com que se angustiam e que as mais das vêzes exigem solução rápida, que não raro correm perigo de se dispersarem de todo. Os presbíteros por sua vez, implicados e divididos em um sem-número de obrigações de ofício, talvez perguntem ansiosos, como poderão harmonizar, numa unidade, a sua vida interior com o ritmo de ação externa. Unidade de vida, que a mera organização externa do ministério das obras não poderá efetivar, nem o poderá a só prática dos exercícios de piedade, por mais que contribua para fomentá-la. Podem construí-la no entanto os presbíteros ao seguirem, no exercício do ministério, o exemplo de Cristo Senhor, cuja comida era cumprir a vontade d'Aquêle que O enviara para levar a termo a Sua obra (111).

(106) Cf. Jo 10,11.

(107) Cf. II Cor 1,7.

(108) Cf. II Cor 1,4.

(109) Cf. I Cor 10,33.

(110) Cf. Jo 3,8.

(111) Cf. Jo 4,34.

Com efeito, Cristo, para cumprir sem cessar essa vontade do Pai no mundo pela Igreja, opera através de Seus ministros e por isso permanece sempre o princípio e a fonte de sua unidade de vida. Alcançarão pois os presbíteros esta unidade de vida, unindo-se a Cristo no conhecimento da vontade do Pai e na doação de si mesmos em favor do rebanho que lhe foi confiado (112). Desempenhando assim o papel de Bom Pastor, encontrarão no próprio exercício da caridade pastoral o vínculo da perfeição sacerdotal, que levará sua vida e ação a uma unidade. Esta caridade pastoral por sua vez (113) proflui antes de mais nada do Sacrifício Eucarístico, que por isso se apresenta como centro e raiz de toda a vida do presbítero, de sorte que a alma sacerdotal se esforçará por interiorizar o que na ara sacrificial se passa. Não se pode alcançá-lo, porém, a não ser que os mesmos sacerdotes pela oração penetrem sempre mais intimamente no mistério de Cristo.

Para poderem verificar também concretamente a unidade de sua vida, examinem todas as iniciativas sob o crisol da vontade de Deus (114), isto é, pesando qual a conformidade das iniciativas com as normas da missão evangélica da Igreja. Porquanto a fidelidade para com Cristo é inseparável da fidelidade para com a Sua Igreja. Postula pois a caridade pastoral que os presbíteros — para não correrem em vão (115) — trabalhem sempre no vínculo de comunhão com os bispos e com os demais irmãos no sacerdócio. Agindo com tal critério, encontrarão os presbíteros a unidade da própria vida na unidade mesma da missão da Igreja, e assim unir-se-ão a seu Senhor e por êle com o Pai no Espírito Santo, para estarem cheios de consolação e terem as maiores reservas de alegria (116).

II. EXIGÊNCIAS PECULIARES DE ESPIRITUALIDADE NA VIDA DO PRESBÍTERO

Humildade e obediência

15. Entre as virtudes que mais se reclamam para o ministério dos presbíteros, merece menção aquela disponibilidade interior, que os leva a não procurar a própria vontade, mas a d'Aquêle que os enviou (117). Pois a obra divina para a qual foram assumidos pelo Espírito Santo (118), transcende todas as forças humanas e a sabedoria dos homens, pois "Deus escolheu o que há de fraco no mundo para confundir a força" (I Cor 1,27). Consciente da própria fraqueza, trabalha o verdadeiro servo de Cristo na humildade, examinando para ver o que agrada a Deus (119);

(112) Cf. I Jo 3,16.

(113) "Seja uma tarefa do amor apascentar a grei do Senhor" (S. Agostinho, *Tract. in Io.*, 123, 5; PL 5, 1967).

(114) Cf. Rom 12,3.

(115) Cf. Gal 2,3.

(116) Cf. II Cor 7,4.

(117) Cf. Jo 4,34; 5,30; 6,38.

(118) Cf. At 13,2.

(119) Cf. Ef 5,10.

e, como que prêso pelo Espírito (120), se deixa conduzir em tudo pela vontade d'Aquêle que quer sejam salvos todos os homens. Saberá descobrir e executar tal vontade ao longo da vida cotidiana, se, nos quadros de sua função e nos múltiplos acontecimentos da existência, servir com humildade a todos que lhe foram confiados por Deus.

O ministério sacerdotal, por ser o ministério da própria Igreja, não pode cumprir-se a não ser na comunhão hierárquica de todo o Corpo. Pois é a caridade pastoral que impede os presbíteros para, nesta ação comunitária, consagrar a própria vontade, pela obediência, ao serviço de Deus e dos irmãos, aceitando em espírito de fé e executando o que fôr preceituado ou recomendado pelo Sumo Pontífice, pelo próprio bispo, bem como pelos demais superiores, desgastando-se e consumindo-se de muito boa vontade (121) em qualquer ofício, mesmo o mais humilde e pobre, que lhes é confiado. Nesta linha conservam e fortalecem a unidade necessária com seus irmãos no ministério, principalmente porém com aqueles que o Senhor constituiu como chefes visíveis de sua Igreja. Trabalham ainda para a edificação do Corpo de Cristo, que cresce "por tôda sorte de juncturas que o nutrem" (122): Esta obediência, que leva a uma liberdade mais madura dos filhos de Deus, exige por sua natureza que os presbíteros proponham com confiança suas iniciativas, quando no desempenho de seu cargo são movidos pela caridade a procurarem com prudência novos caminhos para um bem maior da Igreja. Exponha igualmente com insistência as necessidades do rebanho a êles confiado, sempre prontos a submeter-se ao juízo daqueles que na direção da Igreja de Deus exercem o múnus em primeira linha.

Por esta humildade e obediência responsável e voluntária, os presbíteros se conformam com Cristo, sentindo dentro de si o que também sentem no Cristo Jesus, que "Se aniquilou a Si mesmo, tomando a condição de escravo, feito obediente até a morte" (*Filip 2,7-9*) e por esta obediência venceu de todo e redimiu a desobediência de Adão, como atesta o Apóstolo: "Pela desobediência de um só homem a multidão foi constituída pecadora; assim também pela obediência de um só a multidão será constituída justa" (*Rom 5,19*).

Castidade e celibato

16. A perfeita e perpétua continência por amor ao Reino do céu, recomendada por Cristo Senhor (123) - - aceita com gosto e praticada com honra por não poucos cristãos, no decurso dos tempos e também em nosso — foi sempre tida em alto apêço pela Igreja, de modo especial em

(120) Cf. At 20,22.

(121) Cf. II Cor 12,15.

(122) Cf. Ef 4,11-16.

(123) Cf. Mt 19,12.

favor da vida sacerdotal. Pois é ao mesmo tempo sinal e estímulo da caridade pastoral e fonte peculiar da fecundidade espiritual no mundo (124). Não que por sua natureza seja exigida do sacerdócio, como se evidência pela praxe da Igreja primitiva (125) e pela tradição das Igrejas Orientais, onde — além daqueles que com todos os bispos, por dom da graça, escolhem observar o celibato — existem igualmente os presbíteros casados, de altíssimo mérito. Enquanto pois se recomenda o celibato eclesiástico, este Sacrossanto Sinodo de forma alguma intenciona mudar aquela disciplina diversa, que vigora dentro da lei nas Igrejas Orientais, e exorta com muito amor àqueles que receberam o presbiterato no matrimônio, a que perseverem em sua santa vocação e continuem a empenhar a vida, plena e generosamente, em favor do rebanho a êles confiado (126).

A verdade é que o celibato se ajusta de mil modos ao sacerdócio. Pois a missão toda do sacerdote está dedicada ao serviço da nova humanidade, que Cristo, o vencedor da morte, suscita no mundo pelo Seu Espírito, e tem sua origem "não do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus" (Jo 1,13). Pela virgindade, porém, ou seja, pelo celibato, guardado por amor ao Reino dos céus (127), os presbíteros se consagram a Cristo de maneira nova e privilegiada, a êle mais facilmente aderem de coração indiviso (128), dedicam-se mais livremente n'Ele e por Ele ao serviço de Deus e dos homens, servem com mais disponibilidade a Seu Reino e à obra da regeneração vinda do alto e assim se tornam mais aptos a receber de maneira bem ampla a paternidade em Cristo. Por êsse modo, pois, professam diante dos homens querer dedicar-se indivisamente à tarefa que lhes foi confiada, a saber, de desposar os fiéis a um espôso único e apresentá-los como virgem pura a Cristo (129), e assim evocam aquêle conúbio misterioso — criado por Deus para ser futuramente manifestado em sua plenitude — pelo qual a Igreja possui um único Espôso, Cristo (130). Tornam-se afinal um sinal vivo daquele mundo que há de vir e que já está presente pela fé e caridade, no qual os filhos da ressurreição não casam nem são casados (131).

(124) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 42 : AAS 57 (1965), pp. 47-49.

(125) Cf. I Tm 3,2-5; Tl 1,6.

(126) Cf. PIO XI, Enc. AD CATHOLICI SACERDOTII, 20/12/1935 : AAS 28 (1936), p. 28.

(127) Cf. Mt 19,12.

(128) Cf. I Cor 7,32-34.

(129) Cf. II Cor 11,2.

(130) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, nn. 42 e 44 : AAS 57 (1965); pp. 47-49 e 50-51 : Decreto *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos, 28/10/1965, n. 12.

(131) Cf. Lc 20,35-38; PIO X, Enc. AD CATHOLICI SACERDOTII, 20/12/1935 : AAS 28 (1936), pp. 24-28; PIO XII, Enc. SACRA VIRGINITAS, 26/03/1954 : pp. 169-172.

Por este motivo, fundamentado no ministério de Cristo e na Sua missão, o celibato, que de início era recomendado aos sacerdotes, foi depois imposto por lei na Igreja Latina a todos os que iriam ser promovidos à Ordem sacra. O Sacrossanto Sinodo torna a reconhecer e a confirmar esta legislação para os que se destinam ao presbiterato, confiando no Espírito que o dom do celibato, tão coerente com o sacerdócio do Nôvo Testamento, seja outorgado com liberalidade pelo Pai, contanto que aquêles que participam do sacerdócio de Cristo pelo Sacramento da Ordem — e com eles ainda a Igreja tóda — o peçam com humildade e insistência. Este Sacro Sinodo exorta também a todos os presbíteros, que aceitaram de livre vontade a exemplo de Cristo o sacro celibato, confiados na graça de Deus: aderindo a êle com grandeza de alma e coração devotado e perseverando fielmente neste estado, reconheçam o dom preclaro que lhes foi concedido pelo Pai e que pelo Senhor foi tão claramente distinguido (132). Tenham ainda diante dos olhos os grandes mistérios que por êle são significados e realizados. Quanto mais no mundo de hoje a perfeita continência é tida como impossível por não poucos homens, com tanto mais humildade e perseverança os presbíteros hão de implorar, junto com a Igreja, a graça da fidelidade que jamais se nega aos que pedem, empregando ao mesmo tempo todos os meios sobrenaturais e naturais, que continuam à disposição de todos. Não deixem de seguir as normas, sobretudo ascéticas, que são reconhecidas pela experiência da Igreja e que no mundo de hoje não deixam de ser necessários. Roga pois este Sacrossanto Sinodo não somente aos sacerdotes, mas também a todos os fiéis, que o precioso dom do celibato sacerdotal lhes mereça o aprêço e que todos peçam a Deus conceda Êle sempre e com abundância tal dom à Sua Igreja.

Bens materiais e pobreza

17. Na convivência amigã e fraterna entre si e com os demais homens chegam os presbíteros a cultivar os valôres humanos e a estimar os bens criados como dons de Deus. Encontrando-se embora no mundo, tenham sempre consciência de que, segundo a palavra de nosso Senhor e Mestre, não são do mundo (133). Utilizando-se do mundo como se de verdade não se utilizassem (134), chegarão àquela liberdade pela qual se sentirão livres de todo cuidado desordenado e se farão dóceis para ouvir a voz de Deus na vida de cada dia. É desta liberdade e docilidade que se desenvolve a discrição espiritual e por ela se chega à atitude verdadeira para com o mundo e as realidades terrestres. Tal atitude é essencial para os presbíteros, porque a missão da Igreja se cumpre em meio ao

(132) Cf. Mt 19,11.

(133) Cf. Jo 17,14-16.

(134) Cf. I Cor 7,31.

mundo e porque os bens criados são imprescindíveis ao progresso pessoal do homem. Mostrem-se pois agradecidos por tudo aquilo com que os obsequia o Pai celeste para viverem como devem. É no entanto necessário discernir à luz da fé tôdas as coisas que se apresentam, para serem levados a fazer bom uso dos bens conforme a vontade de Deus e para repelirem os que prejudicam a sua missão.

Pois os sacerdotes — sendo êles os que têm o Senhor como “sua parte e herança” (*Num* 18,20) — hão de fazer uso dos bens temporais tão-somente para aquêles fins aos quais é lícito destiná-los, segundo a doutrina de Cristo Senhor e as disposições da Igreja.

Com a ajuda de leigos experimentados, enquanto possível, administrem os sacerdotes os bens eclesiásticos pröpriamente ditos, conforme a natureza da coisa e a norma das leis eclesiásticas. Destinem-nos sempre para aquêles fins para a consecução dos quais é lícito à Igreja possuir bens temporais, como seja, para organizar o culto divino, prover ao sustento honesto do clero ou ainda dar andamento às obras do apostolado sagrado ou da caridade, em benefício sobretudo dos necessitados (135). Os bens que porém lhes advierem no desempenho de algum officio eclesiástico, salvo algum direito particular (136), empreguem-nos os presbíteros, como aliás também os bispos, sobretudo para seu sustento honesto e para o cunprimimento dos deveres do próprio estado. O que porém sobrar queiram destiná-lo em benefício da Igreja ou às obras de caridade. Não lhes sirva o officio eclesiástico para fins de lucro, nem empatem rendas que daí provenham para aumento de seu patrimônio (137). Não prendam pois os sacerdotes de forma alguma o coração às riquezas (138) mas evitem sempre tôda cobiça, abstando-se, com cuidado, de qualquer aparência de comércio.

São até convidados a abraçar a pobreza voluntária, que tornará mais evidente sua semelhança com Cristo e os fará mais disponíveis para o sagrado ministério. Pois Cristo, por nossa causa, se fêz pobre, sendo rico, a fim de nos enriquecer por Sua pobreza (139). Também deve ser dado atestaram pelo seu exemplo que o dom gratuito de Deus deve ser dado de graça (140), sabendo viver na abundância e na penúria (141). Mesmo assim, algum uso comunitário das coisas, à imitação da comunhão de bens que mereceu destaque na história da Igreja primitiva (142), abriria do melhor modo o caminho para a caridade pastoral. Por tal forma de vida,

(135) CONC. ANTIOCH., cân. 25; Mansi 2, 1328; *Decretum Gratiani*, c. 23, C. 12, q. I (ed. Friedberg, 1, pp. 684-685).

(136) Pensa-se sobretudo nos direitos e costumes vigentes nas Igrejas Orientais.

(137) CONC. PARIS, n. 829, cân. 15; M. G. G., Sec. III, Concilia, t. 3, parte 6, 622; CONC. TRID., Sess. XXV, de reform., cap. 1.

(138) Cf. *Sl* 62, 11 Vg. 61.

(139) Cf. *II Cor* 8,9.

(140) Cf. *At* 3,18-25.

(141) Cf. *Philp* 4,12.

(142) Cf. *At* 2,42-47.

os presbíteros poderiam levar honrosamente à prática o espírito de pobreza recomendado por Cristo.

Guiados pois pelo Espírito do Senhor, que ungiu o Salvador e o O enviou a evangelizar os pobres (143), os presbíteros — como também os bispos — tudo evitem que de qualquer modo possa afastar os pobres, excluindo de seus pertences, mais do que os outros discípulos de Cristo, toda a aparência de vaidade. Instalem de tal forma sua moradia, que a ninguém ela pareça inacessível, e jamais alguém, mesmo que bem humilde, se envergonhe de frequentá-la.

III. SUBSÍDIOS PARA A VIDA DOS PRESBÍTEROS

Vida espiritual

18. Para poderem entreter a união com Cristo em todas as conjunturas da vida, os presbíteros, além do exercício cômico de seu ministério, dispõem de meios comuns e especiais, novos e velhos, que o Espírito Santo nunca deixou de suscitar no Povo de Deus e que a Igreja recomenda, e por vezes chega até a impor, para a santificação de seus membros (144). Entre todos os subsídios espirituais, destacam-se aquelas ações com as quais se nutrem os fiéis do Verbo de Deus na dupla mesa da Sagrada Escritura e da Eucaristia (145). Não há novidade em afirmar a grande importância de seu convívio assíduo para a santificação, em especial, dos presbíteros.

Unem-se os ministros da graça sacramental intimamente a Cristo Salvador e Pastor pela recepção frutuosa dos Sacramentos, especialmente no ato freqüente e sacramental da Penitência, pois este preparado pela revisão cotidiana da consciência, dá aquele impulso à necessária conversão da vontade ao amor do Pai das misericórdias. À luz da fé, nutrida pela leitura da Bíblia, poderão examinar com cuidado os sinais da vontade de Deus e as inspirações de Sua graça, nos acontecimentos variados da vida, e tornar-se assim mais e mais dóceis a sua missão aceita no Espírito Santo. Encontrem sempre um admirável exemplo de tal docilidade na Bem-Aventurada Virgem Maria, que, levada pelo Espírito Santo, se consagrou toda ela ao mistério da Redenção dos homens (146). A ela, Mãe do Sumo e Eterno Sacerdote e Rainha dos Apóstolos, além de protetora de seu ministério, venerem e amem os presbíteros com devoção filial e culto.

Para cumprirem com fidelidade o ministério, tomem a peito o colóquio cotidiano com Cristo Senhor na visita e no culto pessoal da Santis-

(143) Cf. Lc 4,18.

(144) Cf. CIC, Cân. 125 ss.

(145) Cf. CONC. VAT. II, Decr. *Perfectae Caritatis*, sobre a atualização dos religiosos, 28/10/1965, n. 6; Const. Dogm. *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, 18/11/1965, n. 21.

(146) Cf. CONC. VAT. II, Const. Dogm. *Lumen Gentium*, 21/11/1964, n. 65; AAS 57 (1965), pp. 64-65.

sima Eucaristia. Libertem-se com gôsto para o retiro espiritual e tenham grande aprêço pela direção da alma. De muitos modos, especialmente pelos métodos da oração mental e pelas diversas formas de preces que escolhem com liberdade, procuram os presbíteros, e de Deus imploram com insistência, aquêle espírito de verdadeira adoração, graças ao qual, junto com o povo a êles confiado, se unem intimamente com Cristo Mediador do Nôvo Testamento, e então, na qualidade de filhos adotivos, podem exclamar: "Abá, Pai" (*Rom 8,15*).

Vida intelectual

19. No sagrado rito da Ordenação os presbíteros são admoestados pelo bispo a "serem maduros na ciência", e que sua doutrina seja "remêdio espiritual para o povo de Deus" (147). A ciência do ministro sacro há de ser sacra, porque extraída de sagrada fonte e orientada para um fim sagrado. Por êsse motivo, há de haurir-se antes de tudo da leitura e meditação da Sagrada Escritura (148), mas se nutrirá também, com bons resultados, do estudo dos Santos Padres, Doutôres e demais testemunhas da Tradição. Além disso, para dar resposta acertada às questões agitadas pelos homens de nosso tempo, é mister que os presbíteros conheçam bem os documentos do Magistério e sobretudo os dos Concílios e Romanos Pontífices, e consultem os melhores e mais acatados escritores da ciência teológica.

Uma vez porém que em nossos tempos a cultura humana e também as ciências sagradas progridem num ritmo acelerado, os presbíteros, são chamados a aperfeiçoar, de maneira adequada e ininterrupta, seus conhecimentos divinos e humanos e a preparar-se assim para iniciarem com mais vantagem o diálogo com os homens de hoje.

Para facilitar aos presbíteros os estudos e o conhecimento práticos dos métodos de evangelização e apostolado, com todo empenho se lhes propiciem oportunidades, pela criação de cursos e congressos, adaptados às condições de cada território, pela instituição de centros de estudos pastorais, pela fundação de bibliotecas e pela boa direção de estudos confiada a pessoas competentes. Descubram além disso os bispos individualmente ou unidos entre si o modo mais oportuno de fazer com que todos os seus presbíteros, em momentos determinados, sobretudo porém alguns anos depois da ordenação (149), possam frequentar um curso em que se lhes ofereça ocasião, tanto para adquirir um conhecimento mais completo dos métodos pastorais e da ciência teológica,

(147) *Pont. Rom., De Ordinatione Presbyteri.*

(148) Cf. *CONC. VAT. II, Const. Dogm. Dei Verbum, sobre a Revelação Divina, 18/11/1965, n. 25.*

(149) Este curso não é o curso de pastoral que deve ser feito logo após a ordenação, de que fala o *Decreto Optatum Totius, sobre a formação sacerdotal, 28/10/1965, n. 22.*

quanto para fortalecer a vida espiritual e para compartilhar, com seus irmãos, as experiências apostólicas (150). Com êstes e outros meios aptos, auxiliem-se com especial cuidado também os novos párocos e os que se destinam a uma nova atividade pastoral ou os que são enviados a outra diocese ou nação.

Afinal, hão de interessar-se os bispos, por que alguns se dediquem a um estudo mais aprofundado das ciências divinas, para que jamais faltem mestres idôneos à formação dos clérigos, e os demais sacerdotes e fiéis tenham quem lhes ajude a adquirir a necessária doutrina, afinal para que se estimule o progresso sadio das sagradas disciplinas, progresso que é absolutamente indispensável à Igreja.

Vida material

20. Pela dedicação ao serviço de Deus no cumprimento de um cargo a êles confiado, merccem os presbíteros a justa remuneração, porque “o operário é digno de seu salário” (Lc 10,7) (151) e o “Senhor prescreveu aos que anunciam o Evangelho que vivam do Evangelho” (I Cor 9,14, caso a remuneração adequada dos presbíteros não se ache provida por outra fonte, os próprios fiéis — pois é em seu benefício que os presbíteros se empenham — se vêm na verdadeira obrigação de providenciar para êles os meios necessários a uma vida honesta e digna. Os bispos por sua vez deverão advertir os fiéis desta obrigação, cuidando — cada qual por sua diocese, ou melhor, unindo-se diversos em favor de um território comum — para que se estabeleçam normas em favor do honesto sustento daqueles que ocupam ou ocuparam algum cargo a serviço do Povo de Deus. A remuneração de cada qual — tendo em conta tanto a natureza do cargo quanto as condições de lugares e tempos — há de ser basicamente a mesma em favor de todos que se encontram em idênticas condições. Seja condizente com seu estado e ainda lhes possibilite não só remunerar devidamente os que estão a seu serviço, mas também socorrer de alguma forma por si mesmos aos indigentes, pois que o serviço aos pobres, a Igreja o teve sempre em grande estima, desde os seus primeiros primórdios. A remuneração chegue mesmo a ser tal, que permita aos presbíteros terem todos os anos o devido e suficiente tempo de férias. Toca aos bispos cuidar que de fato possam tê-lo.

É ao ofício que os ministros sacros desempenham que se deve dar a primeira atenção. Abandone-se por isso o sistema chamado benéfico, ou passe êle ao menos por uma reforma tal, que o aspecto benéfico — ou seja, o direito aos proventos ligados por dote ao ofício — seja tido como secundário, e, no direito, passe ao primeiro plano o mesmo ofício ecle-

(150) Cf. CONC. VAT. II, Decr. *Christus Dominus*, sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja, 28/10/1965, n. 16.

(151) Cf. Mt 10,10; I Cor 9,7; Tim 5,18.

siástico. Por officio eclesiástico doravante se há de entender qualquer múnus conferido de maneira estável, para um fim espiritual.

21. Não se perca jamais de vista o exemplo dos fiéis na Igreja primitiva de Jerusalém, onde "tudo era comum entre eles" (At 4,32) e "distribuían a cada qual segundo a necessidade" (At 4,35). É pois sumamente conveniente, ao menos nas regiões em que o sustento do clero depende de todo ou em grande parte das liberalidades dos fiéis, que algum instituto diocesano reúna os bens oferecidos para tal fim. Administrá-lo-á o bispo, com o auxilio de sacerdotes delegados, e, onde parecer útil, também de leigos entendidos em economia. É também uma aspiração que, além disso e quanto lór possível, em cada diocese ou região se constitua um fundo comum de bens, com o qual os bispos possam satisfazer as demais obrigações para com pessoas a serviço da Igreja e socorrer às diferentes necessidades da diocese. Por êle também as dioceses de maiores recursos poderão vir em socorro às mais necessitadas, para que a abundância daquelas possa suprir a pobreza destas (152). Este fundo comum deverá ser constituído em primeiro lugar pelos bens tirados das ofertas dos fiéis, mas também por bens provenientes de outras fontes a serem determinadas pelo direito.

Além disso, nas nações em que a previdência social em favor do clero ainda não está suficientemente organizada, cuidem as Conferências Episcopais que — sempre dentro das leis eclesiásticas e civis — existam ou institutos diocesanos, eventualmente federados entre si, ou organismos interdiocesanos, ou uma associação fundada para o território todo. Por êles, sob a vigilância da Hierarquia, se há de encaminhar bem tanto a assim chamada previdência e assistência sanitária, como ainda o devido sustento dos presbíteros atingidos por enfermidade, invalidez ou velhice. Os sacerdotes por sua vez auxiliem o instituto já criado, levados pelo espírito de solidariedade para com seus irmãos, tomando assim parte em suas tributações (153). Considerem ao mesmo tempo que, desta forma, êles próprios, sem ansiedade pelo futuro, poderão praticar a pobreza com um sentido evangélico mais ardoroso e entregar-se totalmente à salvação das almas. Façam o possível os responsáveis que os mesmos institutos de diversas nações se entrossem entre si, para conseguirem maior estabilidade e mais larga propagação.

CONCLUSÃO E EXORTAÇÃO

22. Este Sacrossanto Sínodo, tendo diante dos olhos as alegrias da vida sacerdotal, não pode tampouco ignorar as dificuldades que nas circunstâncias da vida atual padecem os presbíteros. Sahe também quanto se

(152) Cf. II Cor 8,14.

(153) Cf. Filip 4,14.

transformam as condições econômicas e sociais e mesmo os costumes dos homens e quanto flutua a ordem dos valores na estima geral. Acontece assim que os ministros da Igreja, e até algumas vezes os cristãos, se sintam neste mundo como que estranhos a êle, interrogando-se ansiosamente com que meios e palavras acertadas conseguirão dialogar com êle. Pois as novas barreiras que se levantam contra a fé, a aparente esterilidade do trabalho realizado e a solidão amarga que experimentam podem levá-los ao perigo do desânimo. Mas foi ao mundo, assim como êle hoje se confia ao amor e ao ministério dos Pastores da Igreja, que Deus amou, a ponto de entregar por êle Seu Filho Unigênito (154). Pois é êste mundo, carregado, sim, de muitos pecados, mas também dotado de não poucos recursos, que oferece à Igreja as pedras vivas (155), que se integram no edifício para se tornarem a mansão de Deus no Espírito (156). O mesmo Espírito Santo, enquanto impele a Igreja a abrir novos caminhos para abordar o mundo de nosso tempo, sugere e encoraja também as adaptações que se impõem ao ministério sacerdotal.

Lembrem-se os presbíteros que jamais se encontram sós no desempenho de sua obra, mas que se apóiam sobre a força onipotente de Deus. Credo em Cristo que os chamou a participar de Seu Sacerdócio, dedicam-se com toda confiança ao ministério, sabendo que Deus é poderoso para aumentar nêles a caridade (157). Lembrem-se ainda que têm como companheiros os irmãos no sacerdócio e até os fiéis de todo o mundo. Pois todos os presbíteros cooperam na realização do plano de salvação de Deus, isto é, do mistério de Cristo, ou seja, do sacramento mantido oculto desde os séculos em Deus (158) e que só pouco a pouco se realiza, conspirando os diversos ministérios para a edificação do Corpo de Cristo, até que se complete a medida da idade d'Êle. Todos êsses valores, embora estejam ocultos com Cristo em Deus (159), podem ser percebidos da maneira mais viva pela fé. Pois é pela fé que devem andar os guias do Povo de Deus, seguindo o exemplo de Abraão fiel, que pela fé, "obedeceu ao apêlo de partir para um país que êle deveria receber em herança; e partiu não sabendo aonde ia" (*Heb 11,8*). De fato, o dispenseiro dos mistérios de Deus pode comparar-se ao homem que semeia no campo e de quem diz o Senhor: "durma êle ou se levante, de noite e de dia, a semente germina, desenvolve-se, e êle não sabe como" (*Mc 4,27*). Aliás o Senhor Jesus que disse: "Coragem, Eu venci o mundo" (*Jo 16,33*), não prometeu por essas palavras à Sua Igreja uma vitória total no mundo. Alegra-se de fato o Sacrossanto Sínodo que a terra coberta com a se-

(154) Cf. *Jo 3,16*.

(155) Cf. *I Pe 2,5*.

(156) Cf. *Ef 2,22*.

(157) Cf. *Pont. Rom., De Ordinatione Presbyteri*.

(158) Cf. *Ef 3,9*.

(159) Cf. *Col 2,3*.

mente do Evangelho agora frutifique em muitos lugares sob o bafejo do Espírito do Senhor, que enche o orbe terrestre e que acordou nos corações de muitos sacerdotes e leigos um espírito verdadeiramente missionário. Por tudo isso, o Sacrossanto Sínodo manifesta, com muito amor, sua gratidão aos presbíteros do mundo inteiro: "A Ele, que, segundo o poder que opera em nós, é capaz de fazer um bem infinitamente maior do que tudo quanto podemos pedir ou conceber: a Ele a glória, na Igreja e em Cristo Jesus" (Ef 3,20-21).

Dado em Roma, junto de São Pedro, no dia 7 de dezembro de 1965, ano terceiro do Nosso Pontificado.

Promulgação

Todo o conjunto e cada um dos pontos que foram enunciados neste Decreto pareceram bem aos Padres.

E Nós, pelo Poder Apostólico por Cristo Santo os aprovamos, decretamos e estatuímos. Ainda ordenamos que o que foi assim determinado em Concílio seja promulgado para a Glória de Deus.

Roma, junto de São Pedro, no dia 7 de dezembro de 1965.

EU, PAULO, BISPO DA IGREJA CATÓLICA.

Seguem-se as assinaturas dos Padres Conciliares.

NOVAS FUNDAÇÕES

CATAGUASES, MG — Dom Geraldo Ferreira Reis, Bispo de Leopoldina, MG, pede uma comunidade de religiosas para a cidade de Cataguases, com 35 000 habitantes e numerosas fábricas. O apostolado das religiosas na nova (terceira) paróquia, com 5 000 operários, poderá ser:

- assistência espiritual ao operariado;
- trabalho junto a colonos;
- apostolado junto a estudantes secundários e de escola de enfermagem;
- magistério em vista ao apostolado em estabelecimentos oficiais.

Ulteriores informações com:

Dom Geraldo Ferreira Reis
Residência Episcopal
Praça Dom Helvécio

LEOPOLDINA — Minas Gerais

Vaticano II na Vida e na História da Igreja

Frei Romeu Dale, O.P.

A pedido de muitos interessados, publicamos aqui um apanhado das conferências que Frei Romeu Dale, O.P., pronunciou em nosso Encontro de março, na Gávea. Todos nos lembramos do modo simpático com que este perito conciliar nos colocou em clima do Vaticano II.

Redigido pelo próprio autor, embora se trate somente de uma síntese, o que aqui vai também abre horizontes vastos sobre as intenções do Concílio. Ao lado dos documentos, é preciso que publiquemos comentários autorizados sobre os mesmos. Este é um. A REVISTA DA CRB abre suas páginas para contribuições semelhantes.

A REDAÇÃO

Todos nós sabemos : a 25 de janeiro de 1959 o Papa João XXIII anunciava, para surpresa geral, que iria convocar um Concílio da Igreja Católica, um Concílio Ecumênico.

Fato único na história dos Concílios, o Vaticano II reuniu bispos oriundos dos cinco continentes, que em quatro sessões consecutivas levaram a cabo uma tarefa que parece ter correspondido à aspiração do Papa João XXIII : "a flor de uma inesperada primavera".

Seria possível, desde logo, situar o Vaticano II na vida e na história da Igreja ? Quem o ousaria, quando ele acaba apenas de encerrar os seus trabalhos ?

Vamos apenas assinalar nestas duas palestras algumas perspectivas que nos parecem importantes :

Retrato de corpo inteiro da Igreja de Jesus Cristo

As Comissões e os Secretariados pré-conciliares prepararam para serem levados ao plenário do Concílio 72 textos que foram chamados, cada um, de *esquema*. Não houve a preocupação (ou o tempo) de coordenar êsses numerosos temas.

Poucos meses antes do início da primeira sessão os padres conciliares receberam um volume que continha uns dez esquemas; entre estes não se encontrava o que se referia à Igreja. Os temas da primeira sessão são escolhidos e abordados à primeira vista, pelo menos, sem muita organicidade: Liturgia, Fontes da Revelação, Meios de Comunicação Social, As Igrejas Orientais Católicas.

Desde o início, porém, alguns padres conciliares vinham insistindo para que lhes fôsse distribuído, ainda nessa sessão, o esquema sobre a Igreja. Foi ele afinal entregue, em meados de novembro, junto com um pequeno esquema sobre a Virgem Maria. E ainda por insistência do mesmo grupo, foi ele levado a plenário na última semana da primeira sessão que se encerrou a 8 de dezembro de 1964.

Foi nessa ocasião que o Cardeal Suenens, em uma intervenção muito importante sugeriu que o tema básico do Concílio Vaticano II fôsse a Igreja, e encarado em uma dupla perspectiva: a) a Igreja *ad intra*, isto é, encarada na sua vida íntima como na sua missão; e b) a Igreja *ad extra*, ou posta em relação com o mundo de nosso tempo, suas aspirações e angústias. Esta sugestão foi logo apoiada pelo Cardeal Lercaro, e, de modo especial, pelo Cardeal Montini. Sendo que este, em uma das cartas semanais que endereçava aos seus diocesanos de Milão, já se queixava da falta de organicidade da temática conciliar.

Na verdade, a leitura atenta de numerosos documentos anteriores à abertura do Concílio, mostra que o Papa João XXIII já esboçara, pelo menos, essas mesmas linhas.

Sem descuidar da parte doutrinal, ainda que não busque novas precisões dogmáticas, ele insiste no aspecto pastoral.

O tema principal será a Igreja *ad intra* e *ad extra* (cf. Kloppenburg, O.C. II, 308/9); ou, mais explicitamente: a Igreja Católica a se renovar; o ecumenismo; a abertura para a humanidade de hoje com suas alegrias e sofrimentos, seus avanços e seus desequilíbrios (O.C., I 85/6).

Texto muito importante do Papa João XXIII, a respeito do Concílio, é a sua alocução radiodifundida e pronunciada exatamente um mês antes da abertura do Concílio, no dia 11 de setembro de 1962. O discurso solene de abertura, a 11 de outubro, sintetiza as suas orientações para o Concílio, mas nos mostra sobretudo o espírito com que deseja seja realizada tão importante Assembléia.

Mas foi certamente Paulo VI quem muito contribuiu para que o Concílio assumisse e ordenasse essas perspectivas, de modo especial com a sua vigorosa e clara alocução de abertura da segunda sessão. Essas mesmas perspectivas foram por ele aprofundadas e desenvolvidas na Encíclica *ECCLESIAM SUAM* cujo *leit-motiv* é o Diálogo.

As linhas mestras

Para o nosso intuito, baste-nos assinalar as grandes linhas da alocução de abertura.

1. *A Igreja que toma consciência de si própria à luz de Cristo*

Cristo é o princípio, o caminho, a meta. O único Senhor e Salvador. Contando com a presença permanente, viva e atuante de Cristo, sob a ação do Espírito, comum ao Pai e ao Filho, a Igreja sente a necessidade de tomar uma consciência mais exata e sempre mais profunda de sua natureza e missão (O.C., 3.º vol., pp. 512-513, ns. 17 e 19).

A Igreja busca de si própria um retrato *de corpo inteiro*.

2. *A necessidade da reforma, da renovação*

Por ser ao mesmo tempo, e indissolúvelmente, divina e humana, ela, a Igreja — em busca de uma fidelidade sempre maior Àquele que é o Mestre, que é o seu Modelo e o seu Tudo : Jesus Cristo, Nosso Senhor, — sente a necessidade de se renovar, de se reformar (O.C. 3, 514-515, ns. 29 e 33).

Necessidade que nela é, aliás, *permanente* (cf. *Lumen Gentium* I, 8 no fim).

3. *Dimensão Ecumênica*

Um dos aspectos essenciais dessa reforma na Igreja, hoje (e desde as rupturas do XI e do XVI séculos) é a exigência de uma unidade plena entre todos os cristãos; entre *todos aqueles que foram assinalados pelo Batismo* no qual se unem a Cristo (O.C. 3, 515-516, ns. 36 e 37).

Já existe, pois, uma certa e real unidade em Cristo entre todos aqueles que foram válidamente batizados e crêem em Jesus Cristo Salvador.

Essa união básica é um apêlo, uma vocação para a unidade plena de todos em Cristo, na sua Igreja una, santa, católica, apostólica.

4. *Dimensão católica*

Mas, poucas vezes talvez, na sua História de 20 séculos, a *Igreja Católica* toma uma consciência tão viva da sua vocação missionária *universal*.

Para isso há de ter contribuído : de um lado, a terra tãda explorada e mais ou menos conhecida, assim como a interdependência, hoje, de todos os povos; de outro, a Igreja Católica implantada efetivamente em todos os continentes.

O certo é que ela re-descobre ou descobre pela primeira vez em todo o seu esplendor, que *foi instituída como sacramento*, em Cristo, para a Salvação de todos os homens, da humanidade de todos os tempos.

É indispensável, pois, que a cada época ela se abra para as aspirações e os sofrimentos da humanidade de seu tempo, buscando apresentar-lhe, da maneira mais conveniente possível e na plena fidelidade *a tradição vida* da Igreja, a Mensagem de Salvação (O.C. 3, 517-518, ns. 51-53).

Assim sendo, a Igreja *ad intra* e a Igreja *ad extra* não são dois aspectos justapostos; mas o segundo é a explicitação de uma dimensão ligada à própria natureza da Igreja de Cristo, e que, sem ela, estaria mutilada. Aliás, o admirável Proêmio da *Lumen Gentium* a situa desde logo. Ele nos diz, com efeito, *que a Igreja é, em Cristo, o sacramento da união*

íntima com Deus e da unidade de todo o gênero humano (cf. ainda *Lumen Gentium* II, n.º 13, último parágrafo).

“Deus escreve direito por linhas tortas”

Seria artificial, ou pura construção do espírito, mostrar como êsse Concílio Vaticano II, ao se situar na perspectiva que indicamos, integra-se na linha secular dos Concílios Ecumênicos ?

Como sabemos, os oito primeiros Concílios realizaram-se todos no Oriente. O primeiro de Nicéia (325) em que foi definida a Divindade do Filho. O segundo, o Primeiro de Constantinopla (381), foi a vez da Divindade do Espírito Santo. Os dois seguintes, o de Éfeso (431) e o de Calcedônia (451) explicitam, o primeiro dêles : uma única Pessoa em Jesus Cristo, contra Nestório; o segundo, as duas naturezas, divina e humana, nessa mesma Pessoa, contra os monofisitas.

Vemos assim que os quatro primeiros Concílios Ecumênicos estabelecem e garantem os Mistérios que são a própria base e a razão de ser do cristianismo; o Mistério de um Único Deus em três pessoas realmente distintas e o Mistério da Encarnação, no seio de Maria Virgem, e o da Morte e Ressurreição do Filho de Deus feito homem.

Em três, dos outros quatro Concílios do Oriente, os padres nada mais fazem do que garantir essa doutrina e tirar dela algumas conseqüências importantes.

Todos os outros Concílios, a partir do primeiro de Latrão, se realizam depois da ruptura com os Orientais, e sempre no Ocidente.

E todos êles se vêem a braços com problemas de eclesiologia : a ordem hierárquica e sacramental; os leigos na Igreja; a Igreja e o poder temporal etc...

Lutero chega a pôr em choque a própria *realidade visível* da Igreja como decorrendo da vontade de Cristo.

Por ocasião do Concílio de Trento (1545-1563) um ou dois padres conciliares chegam a sugerir se tentasse uma síntese sôbre a Igreja. De fato, o Concílio abordou sobretudo a ordem sacramental e hierárquica. Já para o Vaticano I (1869-1870) Pio IX ordenou fôsse preparado um esquema em que se apresentasse uma síntese do que é a Igreja. Os padres conciliares não gostaram dela, e pediram que outra fôsse redigida, o que aliás foi feito.

Notemos que nenhum dêesses dois esquemas continha qualquer capítulo nem sôbre os leigos nem sôbre os religiosos.

Os graves e acesos debates na Igreja do tempo sôbre o Primado do Papa, a voga do racionalismo, encaminharam o Concílio para que se tratassem, antes de mais nada, e se definissem os privilégios ligados à cátedra de Pedro : o primado universal de jurisdição e a sua infalibilidade quando fala *ex cathedra*. A segunda Constituição dogmática se referia às relações entre a razão e a fé.

Os acontecimentos políticos que todos conhecemos : a guerra franco-alemã à vista, a situação política italiana levaram Pio IX a suspender o

Concílio *sine die*. Ficava-se, pois, ainda uma vez à espera da tal síntese, do retrato de corpo inteiro da Igreja de Jesus Cristo. Não teria sido providencial ?

Pio XII, na sua bela e admirável Encíclica sobre o *Corpo Místico do Cristo* tentou realizá-lo e o conseguiu *em parte*.

Foi essa então a vocação que o Vaticano II atribuiu a si próprio.

Te-la-ia alcançado ?

Tenho por mim que, dentro dos limites que o Concílio fixou a si próprio, e dentro das possibilidades efetivas da Igreja no momento, assim foi feito. Uma análise dos textos do Vaticano II e de sua organicidade no-lo mostrariam.

*

* *

OS TEXTOS PROMULGADOS E SUA ORGANICIDADE

1. Parece que as Comissões pré-conciliares esperavam, em vista do insano trabalho realizado por elas, que os padres conciliares aprovassem sem muita dificuldade os 72 esquemas preparados.

Não foi o que se passou. No fim da primeira sessão o Concílio havia abordado apenas quatro e iniciado o estudo do esquema sobre a Igreja. Foi então decidido que se fizessem uma revisão e agrupamento dos textos deixando também de lado os temas menos urgentes ou que não estivessem maduros : de 72 passaram para 17, quando se iniciava a segunda sessão (29 de setembro de 1963). No fim desta, a 4 de dezembro do mesmo ano foram promulgados dois textos : Constituição sobre a *Liturgia* e o Decreto sobre os *Meios de Comunicação Social*.

Houve, na inter-sessão um forte movimento para que o Concílio terminasse com a terceira sessão que se iniciava a 14 de setembro de 1964. Em vista disso, a Comissão de Coordenação, de acordo com o Papa, ordenou que alguns textos fôsem reduzidos a um pequeno grupo de proposições que receberiam apenas emendas por escrito. A maioria dos padres conciliares reagiu : cada um dêses grupos de proposições foi debatido na Aula Conciliar, e dois dêles tiveram que retomar a forma de esquemas pròpriamente ditos. Os que se referiam, respectivamente, ao *Ministério e Vida dos Presbíteros* e a *Atividade Missionária da Igreja*. E ficou claro a necessidade de mais uma sessão, se é que o Concílio desejava cumprir a missão encetada.

No término da terceira sessão apenas mais três documentos eram promulgados (a 21 de novembro de 1964) : *Constituição Dogmática Sobre a Igreja*, e os Decretos sobre *Ecumenismo* e sobre as *Igrejas Orientais Católica*s.

É certo que os dois primeiros textos são de uma importância capital.

Os padres debateram e aprovaram, em princípio, o *Voto sobre o Sacramento do Matrimônio*, que abordava questões relativas a impedimentos e de modo especial o delicado problema dos matrimônios mistos. Não houve no entanto tempo suficiente para as últimas emendas e a votação

final. Desejoso o Concílio, na sua maioria, que esse texto não esperasse a quarta sessão para ser promulgado, entregou êle, explicitamente, o encargo nas mãos de Paulo VI. Esse texto acaba de ser promulgado, em meados de fevereiro de 1966.

A quarta e última sessão, iniciada a 14 de setembro de 1965, terminou os trabalhos relativos aos onze textos que faltavam, e que foram promulgados em várias oportunidades, durante a própria sessão: a 28 de outubro, os Decretos sobre o *Múnus Pastoral dos Bispos*, *A Formação Sacerdotal*, *A Conveniente Renovação da Vida Religiosa*, e as *Declarações Sobre a Educação Cristã* e as *Relações Entre a Igreja Católica e as Religiões Não Cristãs*; a 18 de novembro, a *Constituição Dogmática Sobre a Revelação Divina* e o *Decreto Sobre o Apostolado Dos Leigos*; a 7 de dezembro, a *Constituição Pastoral Sobre a Igreja no Mundo Moderno*; os Decretos sobre *A Atividade Missionária da Igreja* e o *Ministério e a Vida dos Presbíteros*; e a *Declaração Sobre a Liberdade Religiosa*.

Ao todo: quatro Constituições; nove Decretos; três Declarações. Dezesesseis Textos.

2. Se as observações que apresentamos na primeira exposição são exatas, o texto fundamental do Vaticano II é, sem contestação possível, a *Lumen Gentium*.

Não se trata de analisá-la aqui. Notemos apenas, e de passagem, a riqueza excepcional de seu conteúdo: A Economia do Mistério da Salvação; O Povo de Deus em Todas as Dimensões; A Igreja Também Visível e Hierarquicamente Instituída, na qual são explicitamente integrados, em perspectivas diversas aliás — e pela primeira vez em documentos tão solenes — os leigos e os religiosos. Esse texto eclesiológico fundamental não basta aliás a si próprio. Ele só alcança a sua plena dimensão visto à luz da *Constituição Pastoral sobre A Igreja no Mundo Moderno*. O caminho percorrido pelo Concílio a êste respeito é bem significativo. A intervenção do Cardeal Suenens podia dar a impressão de que a Igreja *ad intra* e a Igreja *ad extra* se apresentavam como duas perspectivas justapostas, ou de que a segunda era apenas o que se poderia chamar de dimensão social do cristianismo.

Nos debates conciliares, como no próprio texto da *Gaudium et Spes*, ficou suficientemente claro: as relações da Igreja com o mundo, e um mundo sempre contemporâneo, estão ligadas à própria constituição da Igreja; Jesus Cristo é o Senhor e Salvador do mundo, e o Espírito que do Pai e d'Ele procede, santifica a Igreja mas também renova a face da terra. De modo que a Igreja de Jesus Cristo não pode ser ela própria, nem permanecer fiel à sua missão sem essa referência ao mundo (tomado no sentido em que o Concílio o toma: *Gaudium et Spes*, n.º 2).

Aliás, o próprio Proêmio da *Lumen Gentium* já situa essa perspectiva global. Temos então, nestas duas Constituições, a espinha dorsal do Concílio, ou a sua coluna vertebral.

3. Nela virão inserir-se de maneira orgânica e flexível os outros 14 textos promulgados:

De um lado, as duas outras Constituições:

Sobre a *Revelação Divina (Dei Verbum)*. Aspecto essencial do Mistério da Igreja. Nela vem situada a fonte última da Mensagem de Salvação que a Igreja recebeu *de e em* Jesus Cristo, e que é a sua própria vida.

Além do mais, Tradição e Bíblia são realidades estruturalmente ligadas entre si, manifestação da própria vida do Povo de Deus e que só nêles encontram sua plena significação.

Sobre a *Liturgia (Sacrosanctum Concilium)*. Essa Constituição nos oferece as razões profundas e ao mesmo tempo as orientações pastorais da vida de oração da Igreja como novo Povo de Deus em Jesus Cristo, sob a presidência visível do Sacerdócio ministerial, e que culmina na celebração da Páscoa do Senhor "até que Ele venha".

De outro lado, os Decretos e Declarações.

A catolicidade da Igreja integra uma riqueza praticamente desconhecida no nosso mundo latino, e de que são expressão.

As Igrejas Orientais Católicas (Decreto Orientalium Ecclesiarum). Dessa mesma catolicidade, decorre para o Povo de Deus: as suas relações com os batizados das outras confissões.

Ecumenismo (Decreto Unitatis Redintegratio). E com os adeptos das grandes religiões da humanidade ou os que simplesmente crêem em Deus.

As Relações da Igreja Católica Com as Religiões Não Cristãs (Declaração Nostra Aetate).

Essa catolicidade, porém, não pode, de modo nenhum, prejudicar a vocação da Igreja de Jesus Cristo una e única: pelo contrário, "pois, pelo Espírito Santo, ela é compelida a cooperar, para que efetivamente se cumpra o plano de Deus, que constituiu Cristo como princípio de Salvação para todo o mundo" (*Lumen Gentium* n.º 2, 17). Daí:

A Atividade Missionária da Igreja (Decreto Ad Gentes).

Do Ministério e da Vida Dos Presbíteros (Presbyterorum Ordinis).

Da Formação dos Sacerdotes (Optatum Totius).

O mesmo se diga para o capítulo sobre os Leigos (4) com o Decreto: *Do Apostolado Dos Leigos (Apostolicam Actuositatem)* assim como para o capítulo sobre os Religiosos (6) com o Decreto:

Da Conveniente Renovação da Vida Religiosa (Perfectae Caritatis).

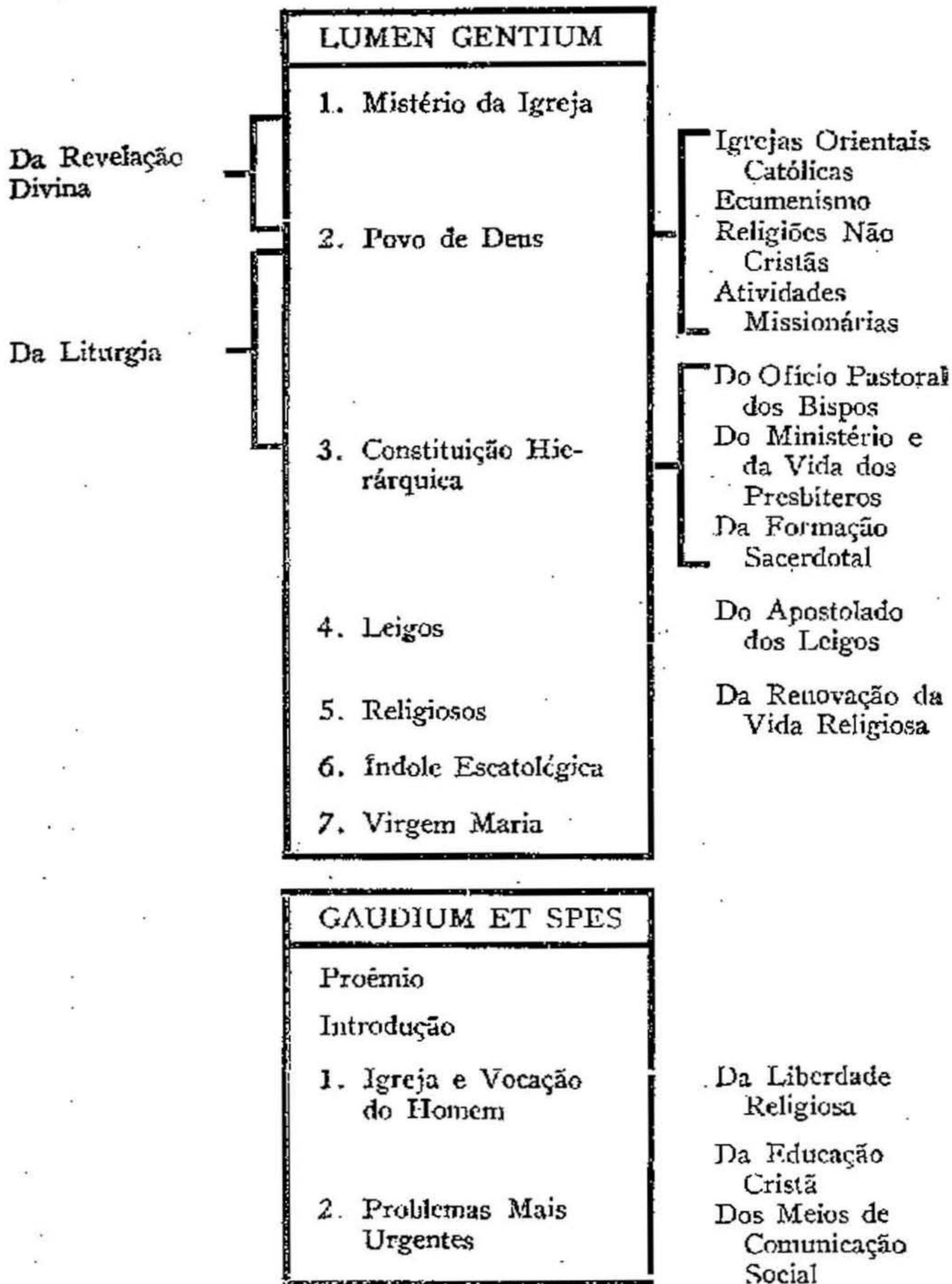
Os três últimos textos vêm pôr em destaque alguns aspectos importantes do mundo de hoje, e por isso mesmo mais diretamente ligados à Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo moderno.

São eles:

Da Liberdade Religiosa (Declaração Dignitatis Humanae) que busca explicitar direito tão grave, mas tão conspurcado, e do que hoje muitos tomam uma consciência mais viva como exigência da dignidade da pessoa humana;

Da Educação (Declaração Gravissimum Educationis) texto que levando em consideração as grandes transformações do mundo moderno, procura (ainda com dificuldade) novas perspectivas;

Dos Meios de Comunicação Social (Decreto Inter Mirifica) o mesmo se diga dêste fato nôvo, e de conseqüências variadas e ponderáveis para a humanidade de hoje e a difusão da Boa Nova.



NOVAS ATITUDES E NOVAS INSTITUIÇÕES: OS NOVOS SINAIS?

A análise, mesmo sumária, dos 16 textos promulgados pelo Vaticano II nos levaria longe demais. E talvez seja mais proveitoso prestarmos atenção à perspectiva e qualidade da renovação que nos vem das novas atividades e das novas instituições de que o Concílio foi o teatro e de que está sendo também o promotor.

Serão estas *novas atitudes e novas instituições* os *novos sinais* que o mundo espera hoje da Igreja?

1. João XXIII, a Igreja e o Concílio

O Papa João XXIII fala mais e melhor à Igreja como ao mundo contemporâneo pelas suas atitudes e gestos do que pelos seus discursos. Além do mais — ele, a exemplo de seu Mestre — começou por fazer para, em seguida, ensinar:

Não escreveu Encíclica sobre a Colegialidade episcopal, mas convocou o Concílio, êsse exercício efetivo da Colegialidade, que, por sua vez, explicitou a origem divina e a significação para a Igreja dessa mesma Colegialidade.

Tampouco escreveu êle uma Encíclica sobre o Ecumenismo. Instituiu porém, o Secretariado para a União dos cristãos, que colocou *oficialmente*, pela primeira vez, a Igreja Católica no diálogo ecumênico; convidou os outros cristãos ao Concílio, com cuja presença e colaboração foi então preparado e promulgado o Decreto sobre o *Ecumenismo*; fruto, pois, dêsse próprio diálogo ecumênico e penhor de uma união mais profunda e mais eficaz em face do mundo.

O Papa João XXIII há de se ter perguntado se o gesto de Pio IX, ao se considerar prisioneiro no Vaticano, ainda tinha alguma significação hoje: quando a questão já foi resolvida com o governo italiano; e numa época em que os Chefes de Estado, mesmo pequenos e sem grande significação, vivem a viajar ou a se reunir mundo a fora.

Não é o Papa o Pastor da Igreja universal? Não tem êle o seu rebanho espalhado pelos quatro cantos do Universo?

Começou então êle a viajar: Loreto, Assis... “Estou velho demais para ir até o Oriente”, teria dito êle a peregrinos dessa região que o convidavam a visitá-los. “Mas, o meu sucessor irá”!

Os exemplos poderiam ser multiplicados. Lembremos ainda apenas dois, um dos quais, aliás foi muito discutido, mas que mostram a *maneira própria e nova* de agir de João XXIII. Êle não hesitou em receber em audiência, o próprio genro e filha de Krushev.

No tempo de Pio XII, as várias tentativas da democracia cristã para se aproximar do Partido Socialista Italiano (Marxista) foram cortadas pela raiz.

No tempo de João XXIII, êste não se opôs nem permitiu que Cardeal algum se opusesse publicamente.

Um cronista francês, o Padre Rouquette, S. J., de modo geral muito bem informado, comentava: é bem possível que o Papa não estivesse de

acôrdo com a decisão da democracia cristã, mas achava que — naquele domínio — aos leigos competia assumir a responsabilidade.

2. Paulo VI e o Concílio na vida da Igreja

Um dos aspectos mais promissores dêsse Concílio foi a preocupação de fazer passar para a vida da Igreja um certo número de decisões importantes, à medida que iam sendo tomadas.

Liturgia. — O caso mais flagrante foi o da Liturgia conciliar. Desde o momento em que foi promulgada a Constituição sôbre a Liturgia, o Papa e o Concílio sentiram-se na obrigação de fazer com que a Liturgia celebrada cada dia no Concílio correspondesse mais e mais à renovação consagrada por êles próprios. O que foi conseguido. E tanto melhor quanto o Santo Padre foi-se desfazendo, na Basílica, de insígnias que pertencem ao tempo em que os Papas eram também monarcas, e da Renascença, e que hoje para nós nada mais significam, pelo contrário, como a tiara, os *flabelli*, a sêdia gestatoria....

Episcopado universal e Cúria romana. — Desde que Paulo VI constatou com certeza que a maioria dos padres conciliares desejava que a Collegialidade episcopal encontrasse um certo sinal que a manifestasse de modo habitual, dispôs-se a fazê-lo. E antes que fôsse votado definitivamente o Decreto sôbre o *Múnus Pastoral dos Bispos*, anunciou, na abertura da quarta sessão, para surpresa da imensa maioria do Concílio, a criação do *Sínodo dos bispos*.

Assim também, e antes que o Concílio se encerrasse solenemente, tomou uma das providências por êste mais solicitadas: a reforma do nome e dos métodos do Santo Ofício, peça importante da reforma da Cúria romana. As notícias recentes, a respeito, nos informam a supressão dos quadros burocráticos que datavam da inquisição do século XVI; supressão do *Index* dos livros proibidos; e nomeação, para o cargo de subsecretário, do Cônego Carlos Moeller. É êste um sacerdote belga, Professor de Dogma em Lovaina, perito do Concílio, elemento de vanguarda da corrente renovadora; e muito conhecido e apreciado pela sua obra, já traduzida para o português: *Cristianismo e Literatura do século XX*. Notemos apenas mais uma, e que me parece bem significativa: a nomeação da primeira mulher para a Cúria romana, na pessoa da especialista em Patrologia — Cristina Mohrman — que passou a pertencer ao Conselho para a execução da Liturgia.

Viagem de Paulo VI. — A crédito de Paulo VI, sempre preocupado em apoiar discretamente o movimento de renovação consagrado pelo Concílio, e que parece ter também o dom de descobrir os novos sinais que o mundo contemporâneo é capaz de perceber, devemos consignar:

— *no domínio do Ecumenismo*, a peregrinação à Palestina, e o encontro em Jerusalém com o Patriarca Atenágoras, de Constantinopla, além do aspecto de saída de Roma para ir ao encontro, temos a escolha do local: a nova união deverá realizar-se em tórno de Jesus Cristo, morto e ressuscitado, cujo símbolo é Jerusalém. Acrescente-se ainda a repercussão dessa mesma viagem junto aos israelitas e aos árabes.

— com relação à *Constituição Pastoral Sobre a Igreja no Mundo Moderno*, as duas tão importantes e tão significativas viagens à Índia e à ONU.

A Igreja, no Brasil, não deveria buscar algo de significativo da sua missão renovada, a que o nosso povo seja sensível? E, no seio desta, *religiosos e religiosas* no Brasil?

Reconheceria, de boa vontade, alguns sinais preanunciadores: a existência da CRB e o trabalho em comum dos institutos de vida religiosa que por ela vem sendo promovido; a colaboração já iniciada entre CNBB e CRB, apesar de numerosas dificuldades, e mesmo tensões, a serem superadas; em algumas regiões do país, o esforço de renovação da ação missionária, a fim de que ela melhor corresponda a uma visão renovada da Igreja, assim como a exigência oriunda de um conhecimento mais realista do catolicismo do nosso povo; por esse Brasil afora, religiosas que de um lado, revêem corajosa e seriamente a própria missão; de outro, se abrem para novas tarefas, quem sabe mais urgentes hoje; O MEB; o trabalho paroquial; o ensino nas escolas oficiais...

Tudo isso, porém, não é mais do que um início.

Com o desejo de poder talvez ajudar ao prosseguimento dêsse esforço, terminaria assinalando alguns elementos para nossa reflexão:

1. Até que ponto êsse esforço já iniciado encontra-se verdadeiramente numa linha de renovação? Não estaríamos nós nos contentando, por vêzes, em colocar remendos? Como se fôsse possível "guardar vinho nôvo em odres velhos" !...

2. Já repararam como somos algumas vêzes contraditórios? Muitas de nossas ordens ou congregações fundadas na pobreza ou para se ocupar dos pobres, aceitam com a consciência tranqüila — em face das novas circunstâncias, dizemos — viver às vêzes até no luxo e só se ocupar da classe média ou rica.

No entanto, nossas mesmas ordens ou congregações ficam agarradas ao hábito instituído pelo fundador — e em outras circunstâncias aliás — e a horários do século XVI, ou XIX que seja !...

Nessa mesma perspectiva: não estaria acontecendo, às vêzes, que tomamos por um absoluto, instituições que, no conjunto da vida da Igreja, devem ser apenas um meio, por mais valioso que seja?

Sintomática, dêste ponto de vista, a transformação do esquema que se referia às *escolas católicas*, e cujo título, correspondendo aliás ao seu nôvo conteúdo, passou a intitular-se *Da educação cristã*. A escola católica não é um fim em si: ela é um dos meios a serviço da educação cristã.

Fiquemos por aqui.

Não quis mais do que situar alguns exemplos que nos ajudassem a aproveitar as grandes lições que nos vêm do Concílio, com João XXIII e Paulo VI à testa; e que nos mostram a necessidade de encontrar *novos sinais* à altura da ação do Espírito de Cristo, na sua Igreja, e para os novos tempos que estamos vivendo.

Questões de Arte Sacra Segundo a Renovação Conciliar

Pe. Hércules Belinelo

*Professor de Arte Sacra, no Seminário São José
do Rio de Janeiro*

A Constituição conciliar sobre a Sagrada Liturgia vem consagrar toda uma renovação litúrgica; e, por outro lado, abrir novas perspectivas. Esta Constituição (regulamentada pela Instrução) dá somente os princípios gerais da natureza das celebrações litúrgicas e do culto comunitário. O presente trabalho, bastante fragmentário, destina-se a responder às questões concretas feitas à Comissão Nacional de Liturgia.

Após a enunciação de algumas diretrizes de caráter normativo, passaremos a algumas conseqüências quanto às disposições dos lugares do culto.

I — ADVERTÊNCIAS E EXIGÊNCIAS DE UMA LITURGIA RENOVADA

1. A constituição distingue, claramente, entre *nobre beleza e mera suntuosidade* (art. 124). Isto é, a condenação do preciosismo de mau gosto, do supérfluo, do ostensivo, da insinceridade do emprêgo do material de construção.

2. *A funcionalidade* — o arquiteto deve fazer do altar o centro de atenção do edifício; conseguir boa disposição para as várias procissões supostas pela Missa (tais como entrada, ofertório, comunhão); uma boa acústica para a proclamação da Palavra de Deus, aclamações e canto dos fiéis; isto tudo com certo equilíbrio de espaços, volumes, iluminações e côres.

3. Esta funcionalidade deve levar em consideração tanto a celebração das ações litúrgicas, como também obter a participação ativa dos fiéis (Art. 124), que vivem em um *tal lugar* e em uma *tal época*. Confere também o Art. 128.

4. Se o edifício eclesiástico tem, por objetivo, criar um quadro para a comunidade local dos fiéis, segue-se que o primeiro objetivo, na destinação deste espaço, deve ser o bem comum *desta* comunidade, ou melhor família, participando comunitariamente do ato eucarístico.

Por isso, fica acentuado, nitidamente, o *caráter pessoal e humano* das dimensões do edifício. A tendência, bastante comum, é que um *maximum* ideal no que concerne ao volume de uma Igreja, seria para umas 600 pessoas; ou, no máximo, um total de 1 000 (nas paróquias grandes): o padre no altar deve estar ao alcance dos olhos e dos ouvidos daqueles que se encontram nos últimos bancos, e de poder dar a comunhão a todos os assistentes sem perturbar a celebração da Missa.

5. Pela revalorização da Liturgia Eucarística, decorre claramente que a Palavra e Eucaristia são dois momentos da ação litúrgica, que exigem uma *bipolaridade* nítida na repartição do santuário (presbitério e altar).

Postas estas considerações de fundo, passamos a responder às questões.

II — APLICAÇÕES

1. Integração do presbitério e do altar na comunidade eucarística (degraus do presbitério e do altar)

A distinção essencial de funções (Art. 28) prevê uma parte para os ministros e outra para os fiéis. Por isso, distingue-se uma zona para o clero (santuário) e uma outra para os leigos (nave).

Mas distinção não quer dizer *separação* monumental nem muito menos criar um verdadeiro *muro* intransponível entre o celebrante e os fiéis. Tal distinção do santuário pode, òtimamente, ser obtida com a sua colocação *na frente* da nave e sua *elevação* em relação ao nível do resto da Igreja. Tal elevação moderada, bastaria ser de um único degrau, criando uma larga plataforma, a fim de que os fiéis possam ver, escutar e dialogar com o padre. Esta plataforma (santuário) elevada, de um degrau, deve levar em consideração não somente o altar, mas inclusive as pessoas, que interferem também na ação litúrgica, portanto: cátedra e ambão.

2. — Medidas do altar e do supedâneo

O altar em forma, preferencialmente, de mesa, deve ser simples, porém nobre e belo.

Colocado no centro do santuário, desligado do muro e com espaço suficiente para se girar em torno dele (incensação, concelebração). Para isso, no caso de o presbitério (isto é, a plataforma) ser estreito, o altar não deve ser descommunal, mas de dimensões modestas, possibilitando assim maior espaço livre, amplo e solene para os ministros.

Suas dimensões, normalmente, não necessitam ter mais de dois metros de comprimento. Sua elevação dentro da plataforma poderá ser também de um ou de dois degraus.

Do ponto de vista estético não se pode escolher um determinado tipo de altar sem ter presente seu contôrno arquitetônico. Deve harmonizar-se com as formas que o rodeiam, com as massas e espaços interiores e, ao mesmo tempo, com um sistema bem calculado de iluminação; destacar-se de modo que expresse sua dignidade e sua qualidade de centro funcional de todo o edifício. Por isso um côro vasto exige uma forma de altar potente e maciço, um altar em forma de mesa será, portanto, de preferência, para uma capela.

3. — Colocação do sacrário

Na colocação do sacrário, temos três possibilidades :

- a) sacrário *sôbre* o altar, porém não exige o altar-mor. Basta que seja um altar distinto (*praecellens*). Portanto a eucaristia pode ser conversada em uma outra capela;
- b) ainda que pondo o sacrário *sôbre* o altar, permite-se que, neste altar, se celebre *versus populum*, contando que o sacrário seja *pequeno e apropriado*.
- c) finalmente, uma terceira possibilidade : onde exista um tal costume, ou com a aprovação do bispo, pode-se pôr o sacrário fora do altar, em uma tôrre, edícula, ou um nicho do muro.

A relação altar-sacrário é bastante difícil, e não se tem ainda uma resposta, sob todos os aspectos, satisfatória. Nossa opinião, porém, do sacrário *sôbre* o altar ou de um duplo altar no santuário (um para a Missa e outro para o Santíssimo Sacramento) não é a melhor solução. Achamos melhor colocar *fora* do altar.

Por outro lado, como existe conexão nítida entre sacramento e sacrifício, optamos que o tabernáculo se situe dentro do santuário, mas, fora do altar. Isto pode ser feito em um lugar digno, em um espaço geométrico e esteticamente ligado com o altar. Como, por exemplo, na parede de fundo da ábside, ou melhor ainda, na parede, à direita de quem olha para o altar. Portanto fora do altar, mas dentro do santuário, altar por assim dizer *parietal*, no muro. Mas, dignamente...

4. — Colocação do confessionário

Nôvo desafio à arquitetura. Que na construção de um edifício deveria já constar dentro da distribuição funcional do espaço.

Parece que a melhor solução, segundo a mesma natureza do sacramento da Penitência como *segundo batismo* (Art. 109), seria colocá-lo no fundo da Igreja, ou melhor, por causa do barulho da rua e do movimento da entrada, colocá-lo na parede da nave; porém tendente, o mais possível, para o fundo da igreja. Isto porque, psicológica e simbolicamente, a pe-

nitência permite de novo a entrada do fiel na participação do culto eucarístico.

5. — Mesa de comunhão

Não existem duas mesas (altar e mesa da comunhão), mas uma única mesa, o altar-banquete, ao qual os fiéis se aproximam para a plena participação.

Por outro lado, evidentemente, como exposto acima, numa assembleia, hierarquicamente constituída, deve haver uma nítida distinção (não separação) entre clero e fiéis. Mas, pode-se obter esta distribuição por uma afirmação de nível material e uma distribuição de zonas respectivas. A solução melhor parece, pelo seu aspecto reverencial e rápido, a seguinte: o padre fica imóvel na plataforma (santuário), os fiéis se aproximam em fila de dois (procissão) e comungam de pé. Tendo comungado o fiel se retira pelo lado, e o seguinte ocupa o seu lugar.

6. — Colocação de imagens

Moderação quanto ao número e quanto à ordem. Muitos bispos determinaram um número de quatro, no máximo. Talvez dois seja suficiente: uma de Nossa Senhora e outro do Patrono da Igreja (Art. 125).

Saber colocar uma imagem é uma arte difícil. Não basta que a imagem seja obra de arte, mas deve estar artística e esteticamente em função do edifício, portanto, não sobrando no espaço, não destruindo o espaço arquitetônico.

No santuário não deve haver estátua alguma. Caso se coloque alguma representação, o conteúdo deve dizer respeito a Cristo (*pantokrator*, glorioso, ressuscitado, reinante na glória) ou ilustração referente ao sacrifício eucarístico.

7. — Posição dos bancos em relação ao altar

Esta resposta, evidentemente, depende da planta, que é de importância capital. E por outro lado, a determinação da planta de uma igreja e a conseqüente distribuição do espaço que dela decorre dependem da maneira pela qual se queira situar a comunidade em relação ao foco principal: altar e presbitério (santuário).

Antes de tudo vale o princípio, deve-se dar à assembleia uma articulação espacial, por meio de passagens e bancos não demasiadamente grandes, para se evitar toda a impressão de massa, na qual a pessoa é somente um número (ver consideração supra n.º 4). Por isso, não basta visibilidade, acústica, iluminação; mas, devemos, também, facilitar a *participação ativa dos fiéis*. Por conseguinte, prever bem as passagens para as diversas procissões.

A distribuição espacial deve levar em conta, procurando sempre o mais possível unir, sem contudo confundir, os espaços destinados ao santuário e aos fiéis.

A disposição em vários, porém, pouco aprofundados ou longos grupos, facilita esta aproximação. Estes grupos se orientam para o altar, como foco e seu centro. Esta disposição corresponde tanto a maior aproximação ao altar dos que se encontram nos últimos bancos, como, também, a que melhor confere à Missa seu caráter de *banquete* (vg. Mt 18, 20), — conf. gráfico.

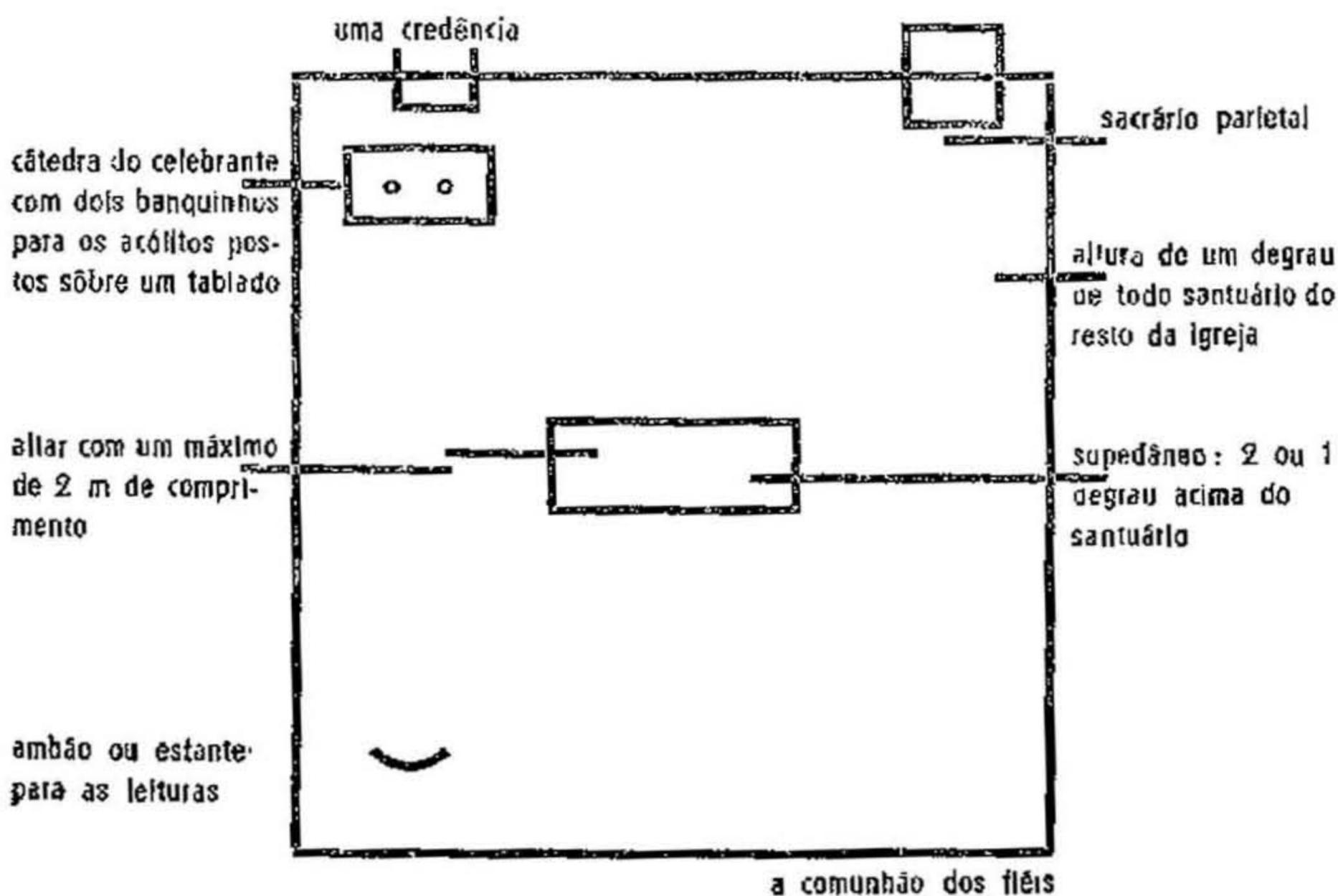
De outra parte, não nos parece mais conveniente, por motivos dogmáticos e litúrgicos, a forma circular completamente fechada. Mas, a de semicírculo, ou em três quartos de círculos.

8. — Proporção de comprimento e largura na construção de capelas

Segundo o que já foi dito acima, isto está em dependência da planta, e do terreno que se dispõe como também do número concreto da comunidade a que se destina o edifício.

Para um tipo de planta longitudinal, isto é, retangular, a proporção deve ser de dois por um. Não convém, de maneira alguma, aumentar esta proporção, se se quer facilitar a participação dos fiéis. Antes, ao contrário, há de ser encurtado, de maneira que o retângulo se converta em quadrado.

Para exemplificar tudo isto acima, podemos traçar um organograma de uma igreja segundo as idéias expostas :



Centro de Informação Internacional

PRO MUNDI VITA

Padre Tlago G. Cloin, C.S.S.R.

O Concílio Ecumênico acaba de salientar, no Decreto *Ad Gentes* sobre a atividade missionária da Igreja, a co-responsabilidade de todo o Povo de Deus pela intensificação da evangelização do mundo. Isto deverá levar a uma estratégia missionária em nível mundial a fim de conseguir uma distribuição mais inteligente das forças apostólicas sobre os países de todos os continentes. Tal estratégia, porém, não poderá ser improvisada, mas exigirá um planejamento de envergadura — verdadeiro desafio à Igreja Universal — através de sérios estudos que analisem as necessidades espirituais e possibilidades pastorais dos vários países necessitados e a disponibilidade de pessoal apostólico nos países de relativa abundância. Na base deste material será possível, através de um estudo comparativo, elaborar uma visão geral da situação missionária do mundo e estabelecer, em nível mundial, prioridade de áreas geográficas e de setores apostólicos que determinem a distribuição do pessoal missionário.

Antecipando este espírito do Concílio Vaticano II, o Centro de Informação Internacional PRO MUNDI VITA (6, Rue de la Limite, Bruxelas — 3 — Bélgica) iniciou em 1961 suas atividades no intuito de contribuir para uma distribuição mais inteligente das forças apostólicas no mundo (cf. REVISTA DA CRB, 1961, pp. 679-682; 1962, pp. 639-643; 1963, pp. 645-651; 1964, 718-720). Em 1964 começou a publicação periódica de um Boletim que traz em cada fascículo uma monografia (com a média de 34 páginas em fôlho) de um determinado país ou aspecto do problema. O Boletim, com uma tiragem de 8 000 exemplares, é publicado em inglês, francês, alemão, espanhol e holandês e enviado a interessados, em primeiro lugar a responsáveis pelo envio de pessoal apostólico para os países necessitados: comissões episcopais da Europa e da América do Norte, superiores maiores de institutos religiosos, dirigentes de associações de missionários leigos etc.

Até o momento foram publicadas as seguintes monografias :

- | | | |
|---------|---|--|
| em 1964 | { | <ol style="list-style-type: none"> 1. <i>Plano de Pastoral do Episcopado Chileno</i> 2. <i>A Igreja no Congo-Leopoldville</i> 3. <i>A Igreja no Ceilão</i> |
| em 1965 | { | <ol style="list-style-type: none"> 4. <i>A Evolução das Vocações Sacerdotais na Europa Ocidental</i> 5. <i>As Organizações de Ajuda de Leigos aos Países em Desenvolvimento</i> 6. <i>A Igreja na Rwanda (África)</i> 7. <i>A Igreja no México</i> 8. <i>A Igreja na Bolívia</i> 9. <i>A Igreja no Buríni (África)</i> |
| em 1966 | | <ol style="list-style-type: none"> 10. <i>A Evolução Das Vocações de Irmãos na Europa Ocidental</i> 11. <i>A Igreja no Peru</i> |

Brevemente sairão : *As Universidades Católicas, O Clero na África, O Dinamismo da Pastoral Renovada no Brasil* etc.

Tratando-se da Igreja de um determinado país, o esquema do Boletim é, em geral, mais ou menos, o seguinte : como introdução é dada uma visão panorâmica da população, da história, da organização política e da situação econômico-social. Em seguida são tratadas as estruturas da Igreja e seu apostolado, a vida cristã e os problemas específicos de ação pastoral. Finalmente, a conclusão oferece um prognóstico do ulterior desenvolvimento da Igreja, sugerindo, eventualmente, algumas orientações para a solução dos problemas analisados. Abundantemente documentadas por dados e quadros estatísticos e ilustradas por um mapa eclesiástico, constituem estas monografias um valioso instrumento de trabalho para quantos se interessam pelos objetivos do PRO MUNDI VITA : contribuir para uma distribuição mais inteligente das forças apostólicas no mundo.

Enviados Para Evangelizar, Somos Evangelizados

De 13 a 23 de janeiro, 77 padres franceses que trabalham atualmente na América Latina, estiveram reunidos em São Paulo no Escolasticado dos Padres do Verbo Divino. O encontro contou com a presença de Mons. Riobé, Bispo de Orleans e Presidente do Comitê do Episcopado francês para a América Latina. A finalidade desta reunião foi uma reflexão comum sobre o trabalho desenvolvido por eles até agora no Continente, e as possibilidades de melhor adaptação "da mentalidade e da maneira de ser e agir".

No final do encontro resolveram dirigir a seus bispos de origem uma carta, que apesar do atraso resolvemos transcrever, não só pela atualidade que apresenta, mas sobretudo pelo testemunho que nos oferece servindo de reflexão a todos nós, que também trabalhamos nesta América Latina. Que a sensibilidade demonstrada por estes irmãos de França seja para nós um estímulo e um objetivo.

São Paulo, 22 de janeiro de 1966

A NOSSOS BISPOS

DA PARTE DE SEUS PADRES,

ENVIADOS À AMÉRICA LATINA

Pais,

Somos 77 padres franceses que estão na América Latina.

Estamos reunidos em São Paulo, com D. Riobé, delegado de nossos bispos de França. Procuramos viver nossa missão aqui, em uma dupla fidelidade às dioceses que nos acolheram e àquelas que nos enviaram.

Há alguns meses, e mesmo anos, inserimo-nos em diferentes meios humanos, nos setores mais variadas da pastoral e nas mais diversas categorias.

Nesta etapa final, simplesmente, queremos dizer:

Enviados para trabalhar na evangelização, fomos evangelizados. O encontro com os pobres permite-nos descobrir a verdade de louvor de Cristo: "Dou-te graças, Pai, por haver escondido isto aos sábios e poderosos e de tê-la revelado aos pequenos e aos humildes." A presença muito próxima dos pobres revela-nos com efeito que nós somos os sábios e os poderosos. Cada um de nós sentiu um apêlo a uma vida mais evangélica. Eis aí a origem profunda de nossa alegria. Desejamos que muitos outros padres da Europa possam fazer esta mesma descoberta aqui.

O encontro com os pobres é uma graça; mas sua fome e sua miséria são um mal. Neste continente, que conhece em muitos setores um desenvolvimento semelhante ao da Europa, chega-se à conclusão que o anúncio do Cristo está ligado à partilha do pão na justiça. Paulo VI acaba de lembrá-lo, em sua recente alocução aos bispos da América Latina:

"Par-nos-emos advogados da justiça porque o mundo tem grande necessidade de justiça e é de justiça que Cristo quer que tenhamos fome e sede... A súplica e as queixas de tantos homens que vivem em condições indignas de seres humanos não podem deixar de nos tocar ou manter-nos inativos."

Seríamos infiéis à nossa missão se não fizéssemos nosso este grito do Papa, certos como estamos de que êle traduz a realidade e os apelos dos povos com os quais vivemos.

Hoje, a linha que divide o universo não se situa mais, ao que parece, entre os países capitalistas e os países socialistas. Ela se coloca entre as civilizações da fome e as civilizações da prosperidade. Ora, a Igreja não se acha de fato situada em grande parte nas civilizações ricas? É duro para nós ler o que escrevia uma equipe de leigos latino-americanos no Concílio.

"Quando os cristãos dos países ricos suplantarão a atitude unicamente sentimental para com a miséria? Quando os organismos e as instituições católicas compreenderão que a injustiça não se elimina com esmolas? Até que ponto os cristãos da Europa Ocidental e da América do Norte estão conscientes de que o sistema econômico internacional é uma máquina para fabricar a miséria da qual êles são os beneficiários?"

No caminho aberto por Paulo VI, em sua visita às Nações Unidas, parece que as Igrejas das nações ricas têm a grave responsabilidade de fazer um apêlo aos governantes destas Nações para que promovam uma nova ordem internacional que assegure uma verdadeira repartição dos benefícios, não em função do gozo dos mais fortes, mas das necessidades dos mais fracos.

Percebemos pelos fatos que, para estes povos, muitas vezes tão próximas da revolta e trabalhados por tantas correntes opostas — a Igreja será verdadeiramente sinal do Reino se os cristãos dos países ricos se engajarem mais visível e eficazmente em um verdadeiro processo de libertação econômica.

“Faltar ao desenvolvimento, dizia D. Larrain, é falhar à história. Trabalhar pelo desenvolvimento é salvar o humano no homem para que ele possa realizar sua vocação de filho de Deus. Por esta dupla razão, minha consciência obriga-me a falar.”

Se vos escrevemos hoje, Pais, é porque cremos que estais mais bem colocados para despertar para sua verdadeira responsabilidade internacional todos os cristãos, e mais particularmente os que têm importantes engagements políticos, econômicos e sociais.

Talvez tenhais ocasião de levar nosso apêlo ao seio do episcopado europeu, que, segundo sabemos, com alegria, procura seus órgãos de ligação. É preciso acrescentar que tôdas estas descobertas e estas reflexões modificaram profundamente a idéia que tínhamos, ao partir, sobre a ajuda à América Latina.

Teríamos ainda muitas coisas a vos dizer. É isto, que, no entanto, no dia de hoje, nos impressiona mais, pois é o que marca a vida de todos os homens aqui. Se este é o risco dos homens, é portanto a missão da Igreja, como vós lembrastes, na *Lumen Gentium*.

Dizendo novamente de nossa alegria e agradecendo-vos por ter-nos enviado, asseguramo-vos nossa respeitosa e afetuosa devoção ao serviço de Cristo e de sua Igreja,

(TELEPAX, n.º 52)



UM NÓVO ESPÍRITO CANÔNICO

Denver (N.A.) — O Presidente da Sociedade de Direito Canônico da América afirmou nesta cidade que a lei canônica precisa tanto ser renovada quanto revisada.

Insistindo em que “a finalidade do objetivo da lei é muito mais importante que os meios” afirmou que “quando a observância da letra da lei não permite alcançar o propósito e o espírito da mesma lei, então esta letra deve ser trocada para que não se convertam em normas canônicas frias”. Referindo-se às religiosas, disse que era de se esperar que o novo Direito Canônico considerasse a mulher da mesma maneira com que o fazem os códigos civis da maioria dos povos civilizados.

Bibliografia Sôbre a Família

Do *Boletim* da Regional Nordeste I, n.º 2/1966, extraímos dados de bibliografia sôbre a família (relativa ao matrimônio, educação e preparação ao matrimônio). Estamos de acôrdo que a relação poderia "ser duplicada e até triplicada, tão rica ela é", mas temos certeza de que ao transcrevermos as obras que o *Boletim* publica já daremos excelente ponto de partida para os educadores e interessados no assunto.

MATRIMÔNIO

- Cafarel H. * *O Amor e a Graça, Flamboyant* — São Paulo
Chauchard P. * *Equilíbrio e Domínio Sexual, Herder* — São Paulo
Firkel E. * *A Mulher e Seu Destino, Herder* — São Paulo
Henry A. M. * *Moral e Vida Conjugal, Herder* — São Paulo
Lepp I * *Higiene da Alma, Herder* — São Paulo
De Lestapis * *Limitação da Natalidade, Herder* — São Paulo
Holt J. G. H. * *O Ritmo da Fecundidade* (à venda nas livrarias católicas)
Soares de Resende * *A Moral Conjugal em Crise, Herder* — São Paulo
Schmidt M. J. * *A Família Por Dentro, Agir* — Rio
Suenens L. J. * *Amor e Responsabilidade Conjugal, Flamboyant* — São Paulo
Beltrão P. C. * *A Regulação Dos Nascimento, Globo* — Pôrto Alegre
Oraison Marc * *L'Union Des Époux, Librairie Arthème Fayard* — Paris
Corção Gustavo * *Claro-Escuro, Agir* — Rio
Genevois A. M. * *O Casamento no Plano de Deus, Agir* — Rio

- Amoroso L. Alceu * *A Família no Mundo Moderno*, Agir — Rio
- Desmarais * *Adão e Eva no Mundo de Hoje*, José Olímpio — Rio
- Desmarais * *Amanhã Será Melhor*, José Olímpio — Rio
- Grelot Pierre * *La Couple Humain Dans L'Écriture*, Les Editions du Gerf — Paris
- Weil Pierre * *Relações Humanas na Família e no Trabalho*, Nacional — São Paulo
- Christian A. * *Este Sacramento é Grande*, Moraes Editôra — Lisboa
- Dufoyer Pierre * *A Intimidade Conjugal*, 2 vol., O livro do espôso e a espôsa, Casa Castela Editôra — Coimbra
- Maza Luís H. Amadeo e Alvarez P. Fernando * *Prole e Moral*, Edições Paulinas — São Paulo
- Gilby Thomas * *Moral e Casamento*, Agir — Rio
- Dr. E. Mourgues * *A Regulação da Natalidade*, Flamboyant — São Paulo
- Viollet Jean * *Harmonia Conjugal*, Edições Paulinas — São Paulo
- Kelly G. * *Manual do Matrimônio Católico*, Dominus Editôra — São Paulo
- Monjardel Carré e outros * *Espiritualidade da Lar*, Flamboyant — São Paulo
- Templar * *O Amor Multiplicado*, Edições Paulinas — São Paulo
- Beeti R. B. * *Realmente Unidos*, Edições Paulinas — São Paulo
- Biot R. * *A Felicidade Está Aqui*, Edições Paulinas — São Paulo
- Charmont F. * *O Amor Humano*, Edições Paulinas — São Paulo
- Chauchard * *Aprender a Amar*, Livraria Moraes Editôra — Lisboa
- Charboneau * *O Sentido Cristão do Casamento*, Herder — São Paulo
- Haering B. * *Matrimônio em Nosso Tempo*, Herder — São Paulo
- Viollet J. * *Consciência de la Feminidad* (textos reunidos de vários autores), Edições Paulinas — Buenos Aires
- Viollet J. * *Sintomas de la Nueva Feminidad* (textos reunidos de vários autores), Edições Paulinas — Buenos Aires
- Negromonte A. * *Noivos e Esposos*, Edições Rumo — Rio
- Morçira Neves Fr. Lucas * *Sacerdotes a Serviço da Família*, Agir — Rio
- M. F. C. * *Restaurar a Família em Cristo* (sobre o Movimento Familiar Cristão), Agir — Rio

PREPARAÇÃO PARA O CASAMENTO

- João Mohana * *A Vida Sexual Dos Solteiros e Casados*, Globo — Porto Alegre
- Dantec François * *No Limiar do Matrimônio*, Liv. Sampedro (dist. Herder) — Lisboa

- M. F. C. * *A Casa Sobre a Rocha*, Vozes — Petrópolis
 Goust François * *Virilidade, Sexo e Amor*, Agir — Rio
 Campos Pe. Casemiro * *A Espera do Noivo*, José Olímpio — Rio
 Carnot Edith * *A Serviço do Amor* (para môças), Livr. Catedral
 — São Paulo
 Carnot G. * *A Serviço do Amor* (para rapazes), Livr. Catedral —
 São Paulo
 Tavares de Sá Irene * *Você, Ele e o Amor*, Agir — Rio
 Lavallet Montal D. * *Palavras à Minha Filha*, Agir — Rio
 Honoré L. * *Ela e tu*, Edições Paulinas — São Paulo
 Charboneau * *Noivado*, Herder — São Paulo
 G. Kelly * *Juventude, Sexo e Moral*, Agir — Rio
 Isá de P. Machado L. * *Curso Para Noivas*, Agir — Rio
 D. Ant. de Almeida Moraes * *No Limiar do Casamento*, Vozes —
 Petrópolis
 F. Arns Fr. Evaristo * *Rumo ao Casamento*, Vozes — Petrópolis
 Athanásio Emílio * *Para Teus 13 Anos*, Vozes — Petrópolis
 T. Toth * *O Brilho da Mocidade*, Vozes — Petrópolis
 T. Toth * *Casamento e Família*, Vozes — Petrópolis
 Quois M. * *O Diário de Dany*, Agir — Rio
 Quois M. * *O Diário de Ana Maria*, Agir — Rio
 Gil Bonfim * *Antes Que Aprendam na Rua* (para os pais), esta obra
 abrange cinco fascículos :
 1. Vida de minha vida (meninos de 7 anos)
 2. Por que me amas, mamãe? (meninas de 7 anos)
 3. Tenho força de homem (menino de 12 anos).
 4. Sei melhor do que vocês (jovem de 13 anos)
 5. É com esta que eu vou (meninas, em geral).
 Livraria Catedral — São Paulo

RETRO PARA RELIGIOSAS

- Local** : Casa Nossa Senhora do Cenáculo
Data : 26 a 31 de julho de 1966
Informações : Casa Nossa Senhora do Cenáculo, Rua Pereira da
 Silva, 135 (Laranjeiras), Rio de Janeiro, GB.
 Telefones : 25-6527 e 25-8133

CRB Informa

No dia 2 de abril, reuniram-se Dom José Gonçalves, Secretário-Geral da CNBB, Padre Antônio Aquino, S.J., Presidente da CRB, Padre Tiago G. Cloin, C.S.S.R., Secretário-Executivo da CRB, com os seguintes assessôres pelas duas Conferências: Frei Francisco Xavier Bockey, Frei Maurício Bruni, Padre Mário Gurgel, Padre Virgílio Rosa Neto e Padre Raimundo Caramuru de Barros.

O objetivo da reunião era estudar, em nível de assessoria, as grandes linhas e medidas concretas de inserção dos religiosos na Pastoral de Conjunto e, conseqüentemente, o entrosamento das duas Conferências, com uma maior adaptação ao espírito do Concílio e à mentalidade de hoje. Os resultados da reunião serão oportunamente oferecidos como subsídios à Comissão Central da CNBB, à Direção da CRB, às Comissões Regionais da CNBB e aos Provinciais Religiosos, para futuras deliberações.

Ficou igualmente acertado que nesse nível de assessoria, esta união CNBB-CRB se realizaria cada dois meses; a partir dessa reunião de caráter global, poderiam ser previstas outras para aprofundamento de assuntos especializados.

CRB-Belém — Reuniram-se de 15 a 18 de maio, para quatro dias de estudos, 25 padres e madres. O encerramento contou com a presença do Sr. Núncio Apostólico. Foi instalada definitivamente a Seção da CRB, com sua Diretoria eleita e seu Secretário-Executivo exercendo suas funções em tempo integral.

O Secretário-Executivo da CRB-Belém, Pe. Tiago dos Crúzios, coordena as atividades da Regional de Belém, e lhe foi confiada pelo Sr. Arcebispo a Secretaria da CNBB.

Preciosa dádiva das Irmãs Salesianas foi a Irmã Edite, Subsecretária, que no próximo ano ficará totalmente liberada para exercer suas atividades na CRB.

Uma troca de idéias para organização e planejamento das atividades de evangelização da Região marcou o Encontro dos superiores maiores com 10 outros prelados.

Cogita-se de um novo encontro em novembro na cidade de Santarém, Pará.

CRB-Manaus — Nos dias 8 e 9 de maio reuniu-se um grupo de padres e madres provinciais: Redentoristas, Salesianos e Capuchinhos; as madres provinciais do Preciosíssimo Sangue e das Filhas de Maria Auxiliadora.

O Superior dos Padres Redentoristas cedeu generosamente um de seus sacerdotes para Secretário-Executivo da CRB-Manaus, ao mesmo tempo que o Sr. Arcebispo o nomeava Secretário do Regional Norte II da CNBB, em vias de formação.

Há condições muito favoráveis para um imediato estabelecimento dos serviços materiais da CRB em Manaus. O local já foi oferecido pelas Irmãs Salesianas (80m²). Aguarda-se oportunidade para mais esta iniciativa no extremo norte.

Frutuoso encontro do Revmo. Pe. Pascoal Filippelli com os preladados sufragâneos da Arquidiocese de Manaus. Está previsto para julho (6 a 11) um encontro para planejamento com a presença da Diretoria da CRB. Trata-se de uma cooperação com os preladados e sacerdotes por eles escolhidos para a coordenação pastoral nas prelazias.

SUBVENÇÕES DO ESTADO DA GUANABARA

Prazo fatal de requerimento até 31 de agosto de 1966

O Departamento de Orientação Social, da Secretaria de Serviços Sociais do Estado da Guanabara, está comunicando às entidades que têm subvenções consignadas no Orçamento que deverão requerer os benefícios até o dia 31 de agosto, porque os processos, obedecendo à legislação, têm que tramitar por diversas repartições do Estado da Guanabara. Os requerimentos poderão ser entregues à Rua Senador Dantas, 76 — 15.º andar, Rio de Janeiro, GB.

Dados Curiosos Sobre o Concílio Vaticano II

As despesas do Concílio Vaticano II ascendem a mais de 7 milhões de dólares, e foram custeadas pelas contribuições católicas de todo o mundo.

Eis, a seguir, uma das muitas estatísticas conciliares contidas em uma edição especial do Semanário da Cidade do Vaticano : *L'Osservatore della Domenica*. A edição publicada na primeira semana de março de 1966 consta de 228 páginas ao invés das 16 normais. Será traduzida para todas as línguas participantes.

Dos 833 membros nomeados para as comissões preparatórias, 221 eram italianos, 97 franceses, 58 espanhóis, 64 alemães, 19 austríacos, 40 belgas, 23 holandeses, 18 iugoslavos, 16 ingleses e mais 96 de outros países europeus. Além desses havia : 26 da Ásia, 16 da África, 61 dos EUA, 20 do Canadá, 51 da América Central e do Sul, e mais 7 da Oceânia. As Comissões preparatórias incluíam 54 jesuítas, 32 dominicanos, 24 franciscanos e 21 beneditinos.

Entre outras revelações figura o fato de que o custo para equipar a Basílica de São Pedro, como Aula Conciliar, chegou a mais de 629 mil dólares. As viagens dos bispos, ida e volta, à Aula Conciliar e às suas nações respectivas custaram mais de 2 milhões de dólares. Mais de 580 mil dólares foram gastos na impressão de volumes oficiais da *Acta et Documenta*, que proporcionou a documentação do Concílio, segundo a necessidade de suas várias fases, e também para a Central de Contabilidade Eletrônica da Aula Conciliar, e ainda a Equipe da Central Telefônica na sala de imprensa.

A imprensa do Concílio teve mais de mil periodistas acreditados junto a esta; durante o Concílio publicou 176 boletins de notícias, com um total de 1 000 páginas, e também 46 Conferências de Imprensa.

Outra estatística surpreendente dada a conhecer na edição especial concerne ao número de audiências concedidas pelos Papas João XXIII e Paulo VI. No total, os dois Papas concederam 251 audiências e, às vezes, pas-

saram 3 a 4 horas por dia em conversações, discussões e estudos com pessoas relacionadas com o Concílio.

Um total de 2 860 padres participou do Concílio; nem todos assistiram a todas as sessões e alguns morreram durante o período Conciliar. Dêste total, 1 884 pertenciam ao clero diocesano e 976 às diversas ordens e congregações.

Geograficamente, os assistentes provinham : 1 116 da Europa; 345 da Ásia; 33 da África; 475 da América Central e do Norte; 520 da América do Sul; 186 do Brasil; 73 da Oceânia. Incluindo muitos padres da *Cortina de Ferro*, 274 não puderam assistir ao Concílio por uma razão ou outra. Houve 4 229 intervenções escritas e 2 205 orais durante o Concílio (NA).

Pe. S. Martin, SS. CC.

A Conferência comunica e recomenda

PRIMEIRO CURSO DE PASTORAL HOSPITALAR

O Concílio Vaticano II exige de nós uma Igreja mais viva e presente também junto ao doente.

Entreguemo-nos de corpo e alma à ação missionária da Igreja com toda a autenticidade de nosso testemunho cristão. Não podemos entretanto entrar no movimento de evangelização senão na medida em que formos preparados para tal : profissional e tecnicamente. Há necessidade de um equilíbrio entre cultura humana e formação espiritual.

A Escola de Enfermagem Luísa de Marillac da Pontifícia Universidade Católica, à Rua Dr. Satamini, 245 — GB, através do Instituto Superior de Pastoral Catequética (ISPAC), *promove* o PRIMEIRO CURSO DE PASTORAL HOSPITALAR, para todas as pessoas que se dedicam ao trabalho hospitalar.

Local : Escola de Enfermagem Luísa de Marillac da PUC
Rua Dr. Satamini, 245 — GB. — Tel. : 34-3692

Duração : Agosto a dezembro de 1966

Horário : 8 às 12 hs — 14 às 17 hs, uma vez por semana

Matrícula : Informar-se diretamente com a Secretaria da Escola de Enfermagem Luísa de Marillac

O tempo urge. Atendamos a êste apêlo de *aggiornamento*.

Das Revistas

CONCILIUM (1 — Dogma — janeiro de 1966). — Os diretores da Revista E. Schillebeeckx e B. Willems dizem em Editorial que "há vinte séculos que a presença absoluta e redentora de Deus no homem Jesus — dado bíblico fundamental e o mais original da Revelação — é objeto de uma reflexão constante". Adiantam que "os homens de cada época aproximam-se deste mistério com representações e afinidades pré-estabelecidas, próprias à Umwelt espiritual e socio-econômica em que vive a humanidade do seu tempo". Ora, o nosso tempo se "caracteriza por uma sensibilidade especial quanto à maneira existencial... tendo-se operado, sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, uma mudança de acento característica nas atuais aproximações do Mistério de Cristo relativamente aos manuais de Cristologia de outrora".

O volume deseja dar "uma visão resumida desta mudança... mas sem todavia pretender dedicar-se à hermenêutica propriamente dita do Cristo histórico, bíblico e dogmático".

Têm "consciência de não ter esclarecido suficientemente por esta visão resumida e especulativa o problema Cristo tal como se apresentou nos últimos anos..." mas julgam que é unicamente "sôbre o fundo desta informação especulativa que o público... pode ser introduzido, pelo menos numa certa medida, nos problemas que surgiram nos nossos dias à volta da pergunta: Quem é Jesus de Nazaré"?

— Y. Concar escreve sobre Cristo na Economia da Salvação e Nos Tratados Dogmáticos.

— J. Bourke: O Jesus da História e o Cristo do Kerygma. Em 5 capítulos: O Novo Testamento como criação mitológica e interpretativa das comunidades cristãs primitivas — A história crítica das formas e a "história da redação" do Novo Testamento. A interpretação do Novo Testamento: desmistificação. A nova procura de Jesus histórico. Conclusão.

— P. Schoonenberg: "Aniquilou-se a Si mesmo" — Aniquilação e exaltação nas Escrituras — Discussão Teológica.

— J. Gonzalez-Ruiz: Redenção e Ressurreição em 3 capítulos — Textos Paulinos em que se apresenta o sangue de Cristo como elemento expiatório — verdadeiro "Kippur" — para remissão dos pecados / Cristo Sumo Sacerdote e vítima no âmbito duma liturgia celestial / Sentido "biológico" da moral cristã.

— E. Gutwenger: Ciência e a Consciência de Cristo.

— H. Riddinger: O Reinado Cósmico de Cristo.

— H. Vorgrinler: A descida aos Infernos. Esboço de desenvolvimento do Dogma. Descida aos Infernos e temas teológicos centrais. Descida aos Infernos e universalidade da Redenção.

DIALOGO ECUMENICO (Tomo I, n.º 1 e 2, 1966) — Uma nova revista! Poderia julgar-se supérflua, não fôsse o tema, reformado a fundo pelo Vaticano II, tão complexo e espinhoso. Saucamo-la, portanto, e

congratulamó-nos com o Centro Ecuménico Juan XXIII, da Pontifícia Universidade de Salamanca (Ramon y Cajal, 7), Espanha.

O primeiro número nos explica que a revista "nasce do Concílio Vaticano II e vive para o pós-Concílio". Quer servir o ecumenismo na triplice linha em que o colocou o Concílio: doutrinal, pastoral e espiritual.

Tem de tudo sobre o assunto, desde simples notícias até artigos rigorosamente científicos do ponto de vista histórico, doutrinal, e excelentes orientações bibliográficas sobre o ecumenismo.

Será uma revista utilíssima para professores de ciências eclesiásticas, sacerdotes e seminaristas, a educadores, comunidades religiosas, a movimentos apostólicos seculares...



Recensões Bibliográficas

L I V R O S

Da Editora Vozes, Petrópolis, RJ:

OSCAR MATSURA — *Educação e Ciência* (n.º 8 da Coleção "Educar para a vida"), 1966, 1 op. br., 180x130 mm, 60 pp.

ALBERT GELIN — *A Oração dos Salmos*, trad. das Religiosas da Companhia da Virgem, 1966, 1 op. br., 185x135 mm, 72 pp.

ROSE MARIE MURARO — *A Mulher na Construção do Mundo Futuro*, 1966, 1 vol. br., 185x130 mm, 208 pp.

DAVID E. NEVES — *Cinema Novo no Brasil* (n.º 1 da Coleção "Nosso Tempo"), 1966, 1 op. br., 205x135 mm, 56 pp.

SEBASTIÃO UCHOA LEITE — *Participação da Palavra Poética* (n.º 3 da Coleção "Nosso Tempo"), 1966, 1 vol. br., 205x135 mm, 112 pp.

HERMÍLIO BORBA FILHO — *A Donzela Joana* (Peça em um ato — XV da Coleção Diálogo da Ribalta), 1966, 1 vol. br., 210x138 mm, 128 pp.

ANNE MARIE AGNARD — *Curso de Pedagogia Catequística* (ISPAC, Coleção "Catequese e Pastoral", vol. II, Segunda Parte), trad. da Equipe Catequética do Seminário São Vicente de Paulo, 1966, 1 vol. br., 222x150 mm, 152 pp.

R E V I S T A S

Do Brasil:

Cadernos Vocacionais — n.º 24, São Paulo.

Humanitas — Anuário n.º 7 de 1964, Curitiba.

Revista Eclesiástica Brasileira — março 1966, Petrópolis, RJ.

Sponsu Christi — maio de 1966, Petrópolis, RJ.

Do Exterior:

Brotéria — abril e maio de 1966, Lisboa.

Diálogo Ecuménico — n.º 2, Salamanca (Espanha).

Itinerarium — jan.-março 1966, Braga (Portugal).

Le Christ au Monde — vol. XI, n.º 2, Roma.

Lumen — abril de 1966, Lisboa.

Prêtres Diocésains — maio de 1966, Paris.

Seminarium — jan.-março de 1966, Roma.

Vie Consacrés — março-abril 1966, Leuven (Bélgica).

Vinculum — jan.-fev. de 1966, Bogotá.